

ELBA IRENE DIAZ CASTRO

*REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM
ESTUDANTES TRABALHADORES*

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do Grau
de Mestre em Educação, na Área de
PSICOLOGIA EDUCACIONAL, sob a orienta
ção da Profa. Dra. Maria Laura
Puglisi Barbosa Franco

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1 9 8 4

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Este exemplar corresponde
à redação final da Tese
de fundição por Trena Dig
Costa e aprovada pela
Comissão Julgadora em

20/12/84

por Ant. B. Borden

COMISSÃO JULGADORA

Ant. B. Borden
Regina A. de Assis
[Assinatura]

"A Educação deve esforçar-se por transformar desde já as relações sociais, mesmo sabendo que a mudança das relações sociais permanece limitada pelas bases econômicas dessas relações sociais"

Bernard Charlot

AGRADECIMENTOS

Aos Professores:

Maria Meliane F. Montezuma; Regina Alcântara de Assis; Maria Inês Fini; Orly Zucatto M. de Assis; Maria Amélia Goldberg; José Dias Sobrinho; Joel Martins; Pedro L. Goergen; Paulo Freire; Newton Aquiles Von Zuben; José Luis Sigristi

Aos Amigos:

*Analia - Marcia - Eulina - Verônica - Irma - Graça
Thais - Nadia - Teresa - Clélia - Cleusa - Silvia
Marisa - Adriano - Zizo - Erivaldo - Luis Carlos*

Aos Funcionários:

Maria Helena - Vera Lucia - Nadir - Dona Julia

Aos Professores:

Da Escola " Adalberto Prado e Silva "

Aos Estudantes:

Que tiveram a coragem de falar de si e tornar possível este trabalho

Para todos meu carinho e agradecimento

Finalmente, um agradecimento especial à Professora Doutora MARIA LAURA PUGLISI BARBOSA FRANCO, orientadora e amiga, que soube exercer com paciência esta difícil função, respeitando e esclarecendo as idéias e enriquecendo-as.

Para Ela meu reconhecimento e meu muito obrigado para sempre.

Dedicación

*Este trabajo lo dedico a
mis queridos papás, por
quienes tengo verdadera
admiración*

ÍNDICE

	página
I - INTRODUÇÃO	1
II - REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1. A Linguagem	5
2.2. Representações Sociais	11
2.3. A Atividade Humana	16
III - OBJETIVOS	22
IV - METODOLOGIA	25
4.1. Procedimentos Metodológicos	25
4.2. A População	29
V - CARACTERIZAÇÕES DA POPULAÇÃO E DA ESCOLA	31
5.1. Caracterização da Escola	34
5.2. Caracterização da População	35
VI - CATEGORIAS ANALISADAS	38
6.1. Relação Pais - filhos	38
6.2. Relação Homem - mulher	40
6.3. Igualdade - desigualdade social	42
6.4. Indivíduo - sociedade	45
6.5. Escolarização e seu oposto	48
6.6. Emprego - desemprego	51
VII - CONCLUSÕES	56
VIII - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	61
A N E X O S	64
Anexo 1	65
Anexo 2	66
Anexo 3	68
Anexo 4	70

I - INTRODUÇÃO

A escolha do tema da ideologia manifesta nas representações sociais como problema de estudo, deriva do reconhecimento que o mundo real, concreto, a sociedade é contraditória, heterogênea, composta de grupos sociais e antagônicos que expressam interesses contraditórios.

Isso também está presente na escola. Todavia as práticas instituídas na escola e a ideologia dominante escondem e mascaram essas desigualdades e contradições passando a "idéia" de que a sociedade é homogênea.

Esses pressupostos de igualdade, liberdade, oportunidade para todos etc., se repercutem nas representações sociais dos indivíduos.

Idéias, ideologia são meias verdades, que ao encontrar explicações para as contradições que nem sempre correspondem às reais explicações, escondem o mundo como ele é.

A partir desse contexto mais amplo e de uma posição teórica definida, delimitou-se como problema conhecer e compreender as representações sociais expressas por estudantes trabalhadores, em relação a eles mesmos e aos fatos do mundo social e histórico.

Cumprе ressaltar que ao utilizar o conceito de representação social, dado os limites deste trabalho não pretendemos esgotar teoricamente o começo de reflexão sobre o conceito, dentro da psicologia social.

No referencial teórico consideramos em princípio obras de diferentes autores : Gramsci, Bakhtin, Leontiev e

Rubinstein e trabalhos de Silva Lane e Maria Laura P. B. Franco, além de outros citados no desenvolver do trabalho.

Em Gramsci encontramos uma teoria ampla para o estudo da ideologia; em Bakhtin fundamentos para a compreensão da linguagem; em Leontiev e Rubinstein para o estudo de representações e atividade humana de uma perspectiva psicológica. Recorremos ainda a Silva Lane e Maria Laura P. B. Franco, pelas contribuições que oferecem ao estudo das representações sociais.

A necessidade de recorrer a temas como linguagem, atividade psíquica, pensamento, ideologia, se justifica na medida que todos eles interligados representam facetas do conceito de relações sociais.

Além disso a ligação das teorias dos diferentes autores foi possível graças à existência de idéias convergentes que nos permitiram tentar dar um enfoque coerente a este trabalho.

Compreender o estudante trabalhador em suas representações, significa para nós apreendê-lo na sua situação existencial concreta, ou seja, como membro dos grupos sociais menos privilegiados e sobretudo como um indivíduo que desde cedo tem que lutar pela subsistência pessoal e familiar.

Como educadores, estamos conscientes que a educação transmite modelos sociais de comportamento; o que não significa que todos adquiram os mesmos modelos da mesma forma, dado que existe uma grande diversidade de experiências em cada meio social. A sociedade compreende grupos diferentes, perseguindo suas próprias finalidades, e elaborando formas particulares de comportamento. O contato do indivíduo com estas formas varia em função de sua inserção familiar, bem como em outros grupos.

Mas, sobretudo vivemos numa sociedade dividida em

classes sociais antagônicas, classes que devido à sua inserção na produção material, têm concepções diferentes de vida, do trabalho, das relações humanas e traduzem essas concepções em suas representações.

Cada classe social, segundo Bernard Charlot, engendra modelos de comportamento; os indivíduos assimilam, antes de tudo os modelos e as idéias da classe social a que pertencem, mas também sofrem a influência dos modelos socialmente dominantes, pois os modelos da classe dominante são os modelos dominantes.

Além das influências de classe, outras características da situação existencial concreta dos estudantes são tidas em consideração : o fato de ser jovem; o fato de ser homem ou mulher; empregado ou desempregado; ou filho etc...

Ao escolher como sujeitos de pesquisa um número de jovens, pertencentes a grupos subalternos, estamos manifestando uma opção pessoal, pondo nosso trabalho ao serviço dos interesses destes grupos.

Toda produção intelectual é uma produção engajada. Não existe trabalho científico que não seja político. Ele sempre é encaminhado "para alguém"; porque a objetividade do pesquisador não supõe neutralidade; em sua relação com seu objeto de estudo, ele procura descobrir uma forma de ação e de praxis social. Estará necessariamente, quer o explicita ou não, trabalhando para a manutenção ou para a superação do status quo.

Sendo consciente disto, desejaria que este trabalho, não obstante todas as suas limitações, pudesse ser uma contribuição ao trabalho de análise e de compreensão de nossa sociedade, especificamente da tarefa cotidiana e em geral desvalorizada do professor na escola.

A semelhança entre as formações históricas do Brasil e Perú, e especificamente a suas problemáticas sociais atuais como países capitalistas dependentes, permitirá que o presente trabalho não seja alheio à realidade social do estudante trabalhador peruano, mas possa contribuir para compreendê-lo como um indivíduo social e histórico em busca de sua libertação.

II - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A Linguagem

Num primeiro momento achamos necessário analisar o tema da linguagem, antes mesmo de abordar o tema representações sociais. Já que a mediação exercida pela linguagem entre nós e o mundo permite a elaboração das representações sociais através das quais descrevemos nossa realidade.

No processo da produção material os homens produzem também a linguagem que serve como meio de comunicação e é portadora dos significados socialmente elaborados e fixados nele.

No comportamento humano a influência histórica social diz Silva Lane se faz sentir primordialmente pela aquisição da linguagem, as palavras através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma concepção de mundo, um sistema de valores e conseqüentemente ações, sentimentos e emoções decorrentes.

Para Gramsci todo homem, pelo simples fato de que fala, tem uma sua concepção do mundo, ainda que não consciente ainda que acrítica, já que a linguagem é sempre embrionariamente uma forma de concepção do mundo; se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que a partir da linguagem de cada um é possível a maior ou menor complexidade da sua concepção do mundo.

A palavra veicula a ideologia, a palavra é um signo, o signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados; to

do signo diz Bakhtin é ideológico; os sistemas semióticos¹ ser vem para exprimir a ideologia e são portanto modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência, ela registra as menores variações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ideologia do coti diano que se exprime na vida corrente, é o contexto onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Todo signo resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de intera ção; razão pela qual as formas do signo são condicionadas tan to pela organização social de tais indivíduos como pelas con dições em que a interação acontece. Assim é que uma modifica ção destas formas ocasiona uma modificação do signo.

Realizando-se no processo da relação social todo signo ideológico e portanto também o signo lingüístico vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo so cial determinado.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encar nação material. Nesse sentido a realidade do signo é totalmen te objetiva, mas o signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra; ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico.

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade

1. Segundo Lucia Santaella, a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis. O que é semiótica. 2a edição, Brasil, Editora Brasiliense 1984.

objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais econômicas. A existência do signo nada mais é do que a materialização da comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos.

Mas diz Bakhtin, esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. "A palavra é o fenômeno ideológico por excelência". A realidade toda da palavra é absorvida por sua função do signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligada a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social. Toda palavra diz Bakhtin comporta duas faces, ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é em última instância à coletividade.

É precisamente na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação. Mas a palavra também é um signo neutro. A neutralidade é uma das propriedades da palavra consideradas por Bakhtin; ela é neutra em relação a qualquer função ideológica específica, pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, moral, religiosa; além disso, existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação na vida cotidiana, este tipo de comunicação está por um lado vinculado aos processos de produção e por outro lado diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas; o

material privilegiado na vida cotidiana é a palavra.

Outra propriedade da palavra é que ela é o primeiro meio da consciência individual, embora a realidade dela como de qualquer signo resulte do consenso entre os indivíduos, ela tem um papel como material semiótico da vida interior da consciência (discurso interior); pode funcionar como signo sem expressão externa, mas é preciso adverte Bakhtin fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica e psicológica. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico, está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. Isso não significa que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico, mas cada um deles ao mesmo tempo se apoia nas palavras e é acompanhado por elas.

Toda palavra tem uma significação, sempre foi ligado o valor da palavra a sua capacidade significativa. Existe um vínculo indispensável entre o signo e a significação, portanto entre a palavra e a sua significação.

A significação é a função do signo, eis porque é impossível representar a significação à parte do signo, como algo independente particular. O signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo.

O significado de uma palavra que reflete um objeto de forma generalizada diz Rubinstein, se determina pela função desse objeto, dentro do sistema da atividade humana, ao for-

mar-se dentro da atividade social fica indorporada ao processo do trato entre os homens. O significado consiste pois na relação cognoscitiva da consciência humana com o objeto, que se transmite pelas relações sociais entre os homens; por isso a linguagem não reflete o objeto fora das relações humanas e não pode servir de meio para o trato espiritual entre os seres humanos independentemente das relações práticas reais com respeito aos objetos da realidade.

A relação da palavra com seu objeto é fundamental e determinante para o seu significado, mas esta relação não é direta, ela é mediada, não é uma relação real pré-fixada pela natureza mas ideal; também não é uma relação convencional condicionada mas uma relação histórica. A palavra possui sua história; como fenômeno ideológico por excelência está em evolução constante, reflete, fielmente todas as mudanças e alterações sociais.

A palavra diz Bakhtin é a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema. O ser refletido no signo não apenas nele se reflete, mas também se refrata, esta refração está determinada pelo confronto de interesses sociais antagônicos, nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica. Ou seja luta de classes. Classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua consequentemente em todo signo ideológico confrontam-se valores contraditórios; é esta diversificação de valores que torna o signo vivo e móvel capaz de evoluir.

A dialética interna do signo, como tal da palavra, não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. "Nas condições habituais da

vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque na ideologia dominante, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta por as sim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sen do válida hoje em dia"².

Creemos necessário fazer uma rápida abordagem do pen samento, pois como afirma Rubinstein é fundamental a relação da linguagem com o pensamento, ambos formam uma unidade.

Não se deve separar pensamento e linguagem, os dois não são idênticos nem separáveis entre si, mas formam uma uni dade; esta unidade é dialética e implica diferenças que podem agudizar-se até contradições. A linguagem e o pensamento sur gem nos homens em sua unidade por meio do trabalho e as rela ções sociais; na unidade do pensamento e da linguagem o pensa mento é o motor e não a linguagem.

A linguagem é a forma de existência do pensamento. A atividade mental é expressa exteriormente com ajuda do signo; ela sõ existe sob a forma de signos. Nesse sentido toda ati vidade mental é exprimível, isto é, constitui uma expressão po tencial. Todo pensamento, toda emoção são exprimíveis; a fun ção expressiva não pode ser separada da atividade mental sem que se altere a própria natureza desta.

Quando se diz que a linguagem é a forma de existência do pensamento, isto não significa considerar a linguagem apenas como uma forma externa do pensamento; na linguagem for mulamos o pensamento e ao formulá-lo o formamos; a linguagem é

2. Marxismo e filosofia da Linguagem - Mikhail Bakhtin, pág. 47. Editora Hucitec - S. Paulo, 1981, Brasil.

algo mais que instrumento externo do pensamento, ela está im
plícita no processo de pensamento como forma vinculada a seu
contexto. Ao criar o pensamento sua forma verbal se cria a si
mesmo. Ambos os processos que não se igualam se unem num pro
cesso unitário.

O pensamento do homem é de natureza histórico so-
cial, ele é inseparável das condições reais de seu funcionamen-
to na vida dos homens; os fins de ação intelectual no ser huma-
no não são apenas sociais por natureza, mas os modos e os
meios desta ação são igualmente elaborados socialmente. Por
conseqüência, quando aparece o pensamento verbal abstrato, ele
não pode efetuar-se a não ser pela aquisição pelo homem de ge
neralizações elaboradas socialmente, a saber os conceitos ver
bais e as operações lógicas igualmente elaboradas socialmente.

Ao comentar a obra Marxismo e Filosofia da Língua-
gem, Marina Gapuello deduz, se como afirma Bakhtin a Língua é
determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamen-
to, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem,
são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações
são inter-relações recíprocas orientadas, mas sem excluir uma
contra-ação. O Psiquismo e a ideologia estão em interação dia-
lética constante, eles tem um terreno comum, o signo ideoló-
gico; o signo ideológico vive graças à sua realização no psi
quismo e reciprocamente a realização psíquica vive do suporte
ideológico.

2.2. Representações Sociais

Quando se estuda representações sociais, estuda-se
seres humanos fazendo perguntas e procurando respostas, seres

humanos que pensam e não apenas manipulam informações ou agem de determinada maneira.

Conceber uma sociedade pensante é rejeitar a idéia de que nosso cérebro é uma caixa preta que sõ registra informações e que o mundo existe sob o impacto de uma única ideologia "a ideologia dominante" onde os homens apenas reproduzem e são reproduzidos.

As pessoas estão constantemente produzindo e comunicando representações. Nos diferentes lugares onde existe interação, as pessoas fazem observações críticas comentando e as-sociando espontaneamente filosofias oficiais e "não oficiais" as quais têm uma grande influência nas suas relações, suas escolhas, seus planos, projetos etc. Fatos, ciência, ideologia etc. diz Moscovici constituem alimento para o pensamento.

Os pensamentos ao serem transmitidos no processo de comunicação verbal formam um sistema de conhecimentos que in-tegram o conteúdo da consciência coletiva da sociedade. Devido a isso as representações, conceitos e idéias dos homens vão se formando, enriquecendo e são submetidas a uma seleção não apenas no curso de sua prática individual, mas também sobre a base da prática social, incomparavelmente mais ampla, que eles assimilam.

Na psicologia clássica se denomina representação uma imagem generalizada inscrita na memória, acabada que por um trabalho dos órgãos sensoriais penetra o psiquismo e se conserva nos arquivos da memória.

Isto diz Leontiev está em flagrante desacordo com a concepção materialista - dialética das generalizações. Nossas imagens sensoriais generalizadas assim como os conceitos, con

têm movimento e por conseguinte, contradições. Significa que nenhum conhecimento é uma pedra petrificada, mesmo que esse conhecimento se conserve na mente do indivíduo, não é uma coisa "acabada".

Por serem as representações dialéticas, são capazes de cumprir uma função que não se reduz ao papel de modelos - padrões fixados, e correlacionados com as influências recebidas pelos receptores.

A representação diz Rubinstein não é nenhuma reprodução mecânica da percepção que se conserva em qualquer lugar como um elemento isolado e invariável para mais tarde voltar a aparecer na superfície da consciência. Ela é uma configuração dinâmica variável, que cada vez se cria de novo sob determinadas condições refletindo a complexa vida da personalidade, que é de natureza social.

É através das relações com os outros diz Silva Lane que elaboramos nossas representações do que é o mundo. A representação implica na ação, na experiência com um objeto ou situação e nos significados atribuídos a ela pelas pessoas com quem nos relacionamos, ou seja, a representação é o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente.

Das polifacetadas relações em que implica a representação e pelas quais vem determinada; a mais essencial é a sua relação com o objeto, esta relação regula em primeiro lugar as modificações às quais esta submetida a representação. As representações existem de modo inseparável da atividade do sujeito, o que as transforma em vivas e criativas.

Significa portanto que as representações têm grande sentido para toda a vida consciente, mas nem todas as nossas representações são possíveis à nossa experiência ou vivência,

temos algumas representações diz Silva Lane onde a experiência, a vivência são impossíveis ou são apenas fragmentos fazendo com que a mediação social de pessoas consideradas autoridades, desempenhem uma função essencial na formação das representações e é aqui que surge o poder da ideologia impondo representações consideradas necessárias para a reprodução das relações sociais.

As classes dominantes, através de seus intelectuais, elaboram explicações da realidade social coerentes e consistentes entre si, justificando a sociedade tal como ela é. As classes dominadas ou subalternas como diz Gramsci, participam de uma concepção do mundo que lhe é imposta pelas classes dominantes. E a ideologia das classes dominantes corresponde à função histórica delas, e não aos interesses e à função histórica, ainda inconsciente, das classes subalternas.

Vemos assim a ideologia das classes dominantes chegar aos grupos subalternos operários e camponeses, por vários canais, através dos quais se constrói a própria influência idealizada, a própria capacidade de plasmar as consciências de toda a coletividade, a própria hegemonia.

Um desses canais diz Gramsci é a escola cujo objetivo nas sociedades de classe é perpetuar as evidências do senso comum impedindo a emergência de uma visão crítica. Outro canal é a Igreja, sociedade civil dentro da sociedade, também ela dotada de sua filosofia. Relativamente autônoma dentro da sociedade civil, a Igreja exerce, não obstante, uma influência direta sobre ela, contribuindo em geral para consolidar o consenso hegemônico. Hoje na América Latina, me parece que tal afirmação não pode ser tão radical, existe ao interior da mesma Igreja um movimento contestatório à teologia tradicional,

que é a chamada teologia da libertação que representa uma força desestabilizadora da ideologia religiosa tradicional. Os meios de comunicação são outros canais considerados, por Gramsci, instrumentos fundamentais na constituição das concepções de mundo.

Gramsci é sem dúvida o autor marxista que deu maior ênfase à importância da mudança social a nível ideológico. A ideologia para Gramsci é verdadeira na medida em que vive historicamente e nesse sentido é uma concepção de mundo, que se manifesta na arte, no direito, na filosofia etc. e se confunde como tal com a cultura.

Assim entendida a ideologia é sempre política, instrumento de dominação das classes dirigentes que a utilizam para assegurar a coesão social, e instrumento de luta das classes subalternas, que tomam consciência por seu intermédio de sua existência coletiva e da própria realidade da dominação.

Considerando a superestrutura como dividida basicamente em duas partes : sociedade civil e sociedade política enfatiza através do conceito de hegemonia³ a necessidade de se constituir a ruptura da ideologia dominante já durante o processo revolucionário, antes mesmo da etapa de tomada efetiva do poder político.

Não duvida da dificuldade de se transformar a ideologia das massas, impregnada pelos valores da classe dominante, assim como ainda por valores sobreviventes do passado; por isto dá enorme importância ao papel dos intelectuais orgânicos como implantadores da ruptura ideológica que possibilitará o

3. Para Gramsci "hegemonia é capacidade de direção, de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social ao Estado proletário". Luciano Gruppi, "O conceito de Hegemonia em Gramsci". Ed. GRAAL Ltda., 2.^a ed., R.Janeiro, 1980.

movimento revolucionário.

Os intelectuais orgânicos são os sustentáculos das classes e operam dentro de suas organizações no sentido de analisar, descobrir e defender os seus interesses e objetivos. São os intelectuais orgânicos que funcionam como elementos de articulação de todas as instâncias do "Bloco Histórico"⁴, são os grandes intelectuais que elaboram a filosofia básica do bloco histórico e são os intelectuais subalternos que a difundem em todos os níveis da sociedade civil, com vistas a uma nova concepção do mundo e a transformação social.

Uma nova concepção de mundo, permitirá o confronto das nossas representações sociais com as nossas experiências e ações e com as de outros grupos sociais.

Pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é novas formas de agir que por sua vez serão objeto de nosso pensar, é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, de nosso grupo social e de nossa classe.

Tanto a Linguagem como o pensamento e as representações sociais são fruto das relações estabelecidas pelos homens entre si; mas estas relações se dão somente não e através da atividade humana.

Cabe pois para nós uma última reflexão, qual seja discutir a relação entre atividade e representações sociais.

2.3. A Atividade Humana

Uma afirmação básica do materialismo dialético é que

4. A estrutura e as superestruturas formam um bloco histórico
ibidem, p. 78.

o nascimento das representações, as idéias, a consciência, se encontra imediatamente ligada desde suas origens, a atividade e as relações materiais dos homens; o que os indivíduos se representam, o que pensam, o que põem de manifesto no trato espiritual com seus semelhantes é resultado direto de sua vida material (Marx-Engels).

Desde as primeiras etapas do desenvolvimento, a atividade do indivíduo aparece cada vez mais, realizando seus vĩnculos com os homens através das coisas, e os vĩnculos com as coisas através do homem. É nesta situação inicial do desenvolvivimento onde está contida a semente das relações cuja ulterior evolução constitui a cadeia de acontecimentos que levam à determinação da suas representações.

O fato do sujeito pertencer a um determinado grupo social, condiciona desde o início, o desenvolvimento de seus vĩnculos com o mundo circundante, a maior ou menor amplitude de sua atividade prática, de seus conhecimentos, de suas comunicções e das normas de conduta que assimila. Tudo isto é o que constitui essas aquisições a partir das quais vai elaborando suas representações sociais.

A atividade de cada homem depende de seu lugar na sociedade, das condições que lhe tocam e de como vai se desenvolvendo em circunstâncias individuais que são únicas; mas sejam quais forem as condições em que transcorre a atividade do homem, qualquer que seja a estrutura que tome, não se pode considerá-la como desvinculada das relações sociais, da vida da sociedade, pois como diz Leontiev a atividade do indivíduo é um sistema incluído no sistema de relações da sociedade.

A sociedade produz a atividade dos indivíduos que a formam, o homem encontra na sociedade, não somente condições

externas às quais deve acomodar a sua atividade, mas essas mesmas condições sociais, condicionam os motivos e fins de sua atividade, seus procedimentos e meios.

A atividade humana é social desde seu início, porque se realiza apenas mediante a cooperação e a comunicação dos homens; se realiza por meio de instrumentos o qual mediatiza a atividade que liga o homem, não somente ao mundo das coisas, mas também com outros homens. Graças a isso sua atividade absorve a experiência da humanidade, e contribui para a criação de novas experiências.

No agir o homem apropria-se do mundo objetivo, o transforma e ao transformá-lo, transforma-se a si próprio nesse processo.

As ~~ne~~atividades respondem a determinada necessidade do sujeito, as necessidades estimulam e dirigem a atividade humana por isso, esta desaparece quando essa necessidade é satisfeita e volta a reproduzir-se outra vez em condições totalmente distintas e modificadas.

Os tipos concretos da atividade, diz Leontiev, podem diferenciar-se entre si por um indício qualquer: por sua forma, pelos modos em que se realiza, por sua tensão emocional, por sua característica temporal e espacial, por seus mecanismos fisiológicos etc., mas o essencial, o que diferencia uma atividade de outra, é a diferença de seus objetos, desde que é o objeto da atividade que lhe confere determinada orientação. O objeto da atividade é seu verdadeiro motivo, por trás do motivo está sempre a necessidade. O conceito de atividade está necessariamente ligado ao conceito de motivo, não existe atividade sem motivo, a atividade "não motivada" tem um motivo subjetivo e objetivamente oculto.

Todo proceder humano parte de determinados motivos e vai encaminhado a um fim determinado, resolve um determinado problema e expressa uma determinada relação do homem com respeito a seu meio ambiente. A mais simples obra humana é necessariamente, um ato psíquico, mais ou menos saturado de vivência e expressa a relação do ator com os outros seres humanos e o ambiente.

A vivência surge de fatos, nos quais se ligam e desligam as relações entre os homens; de igual forma, os próprios fatos especialmente os que alcançam essencial importância na vida humana, surgem da experiência.

Ao falar da atividade humana, não podemos deixar de considerar o trabalho, por ser este, segundo Rubinstein, a forma fundamental historicamente originária da atividade humana.

Esclarece que o trabalho não é uma categoria psicológica, mas sociológica, suas normas essenciais não se estudam do ponto de vista da psicologia, mas do ponto de vista das ciências sociais; como tal não é objeto do estudo psicológico em sua unidade ou conjunto, mas vinculado ao componente psicológico da atividade do trabalho. A atividade é sempre psicológica por que tem sempre um significado : o do contexto ou da situação na qual se manifesta ou aparece.

O trabalho se orienta à produção, à criação de um determinado produto; mas também é às vezes o meio mais importante para a formação da personalidade. No processo de trabalho, não somente cria-se um determinado produto da atividade de trabalho do sujeito, mas que este mesmo se forma com o trabalho. Na atividade do trabalho se desenvolvem as atitudes do ser humano, se formam seus princípios ideológicos e se transforma sua postura a respeito da atuação prática.

A particularidade do aspecto psicológico da atividade do trabalho depende em primeiro lugar, de que o trabalho é por seu caráter, objetivo e social, uma atividade que está orientada à criação de um produto necessário ou útil para a sociedade. As condições objetivas de uma determinada ordem social e das relações sociais que existem, ficam contidas sempre nos motivos da atividade do trabalho, uma vez que o trabalho não somente abrange as relações do indivíduo com respeito às coisas, ao objeto, mas também abrange sempre as relações com respeito às outras pessoas.

Para o trabalho não é essencial só a técnica, mas também a atitude do sujeito em relação ao trabalho; precisamente nela se encontram implicados os motivos fundamentais da atividade do trabalho humano.

Normalmente, diz Rubinstein, o trabalho é a necessidade mais perentória do homem; trabalhar quer dizer manifestar-se numa atividade, transformar a intenção num fato; materializá-la em produtos materiais; objetivar-se em seus produtos de trabalho, enriquecer e estender sua própria existência, ser criador e formador; o trabalho é a lei básica do desenvolvimento da humanidade. Mas são estas as condições nas quais se desenvolve o trabalho do operário ?

A psicologia do trabalho do operário depende das condições sociais sob as quais deve executar sua atividade de trabalho. A separação do trabalho físico e intelectual na sociedade de tecnologia avançada, conduz a que o trabalho do operário vai sendo cada vez mais mecanizado e irreflexivo segundo o grau de mecanização da produção.

Nos sistemas de exploração, onde as relações sociais são contraditórias, o trabalho é para o operário uma pe

sada carga, além de aliená-lo colocando-o distante de seu pro
duto e portanto, mecanizá-lo.

Por isso o adolescente que se identifica já, a par
tir desta faixa etária, como um trabalhador, terá que desco-
brir as condições sociais injustas nas quais se desenvolve sua
atividade para analisá-la, questioná-la e modificá-la.

Podemos, pois, concluir afirmando que as representa
ções, se formam em circunstâncias objetivas, mas isso somente
se torna possível graças a todo o conjunto de atividade humana
que se transforma em realidade, no processo de suas relações
com o mundo concreto.

III - OBJETIVOS

- Identificar as representações sociais expressas pelos estudantes trabalhadores, mediados pela linguagem :
 - . representação que o estudante trabalhador tem de si mesmo;
 - . representações referentes à família, escola, trabalho;
 - . representações referentes ao mundo social .
- Identificar as ideologias que estão por trás da fala e da visão do mundo que o estudante trabalhador tem.
- Oferecer ao setor educativo alguns elementos para o diagnóstico da realidade do estudante trabalhador.

As representações sociais são sempre ideológicas, manifestando uma concepção de mundo, sendo portanto de natureza histórico-social. São dialéticos e refletem a complexa vida da personalidade. Assim o objetivo de identificar as representações sociais foi sobretudo, para entender como se dá esse movimento que é dialético e como então é possível a convivência de contradições num mesmo indivíduo, sem serem estas na maior parte das vezes percebidas.

Quando pretendemos oferecer elementos para um diagnóstico estamos conscientes que a educação é um fenômeno socialmente determinado, que toda ação educativa é política e que toda pedagogia desempenha um papel ideológico.

Tendo a educação um sentido político, têm ao mesmo tempo uma significação de classe.

"A pedagogia oculta a significação política da educa

cação por trás de seu sentido cultural" (B. Charlot).

Isto lhe permite interpretar as diferenças culturais como sendo a fonte das diferenças sociais, negando portanto que numa sociedade dividida em classes, a situação social do indivíduo resulta essencialmente de seu papel na divisão social do trabalho.

Mas a educação, neste contexto, pode e deve tentar encontrar espaços para possibilitar ao aluno melhores condições ocupacionais no mercado de trabalho. No entanto não podemos correr o risco de elaborar propostas idealistas. O próprio acesso à escolarização, à possibilidade de permanência na escola e o prosseguimento dos estudos são aspectos já determinados por condições sociais e econômicas.

A escola deve saber encontrar as brechas para minimizar essas injustiças sociais, sem esquecer, porém, os seus limites objetivos e impostos pela sociedade mais abrangente que valoriza o trabalho intelectual em detrimento do trabalho braçal.

Essas considerações que nos levam a acreditar no papel da escola nos levam também a concordar com Gramsci quando afirma que não existe um determinismo mecanicista e absoluto. Gramsci é o autor que atribui à escola como as outras instituições da sociedade civil, essa dupla função estratégica : ou seja a função dialética de conservar / transformar as desigualdades sociais.

Os conceitos de sociedade civil e de hegemonia, na teoria de Gramsci, permitem pensar o problema da educação a partir de um novo enfoque : permitem elaborar um conceito emancipatório de educação, em que uma pedagogia do oprimido pode assumir força política, ao lado da conceituação da educação co

mo instrumento de dominação e reprodução das relações de produção capitalista.

Isso porque Gramsci admite que na sociedade civil circulam ideologias. Nela a classe hegemônica procura impor à classe subalterna sua concepção do mundo que aceita e assimilada por esta, constitui o que Gramsci chama de senso comum.

Se é a ideologia dominante a que sustenta os interesses da classe no poder, a elaboração de uma contra-ideologia, supõe que a classe subalterna, assuma o seu papel histórico de contestação e superação das contradições existentes.

Por último, gostaríamos que este trabalho contribuísse para a compreensão do aspecto individual na discussão indivíduo - sociedade, considerando que as possibilidades de atuação individual com vistas à transformação social passam pela análise do social e de suas formas ideológicas.

Com base no acima exposto, tornamos nossas as palavras da Silva Lane :

"Quando formos capazes de, partindo de um questionamento deste tipo, indivíduos dominados e explorados pela força de trabalho encontrar as razões históricas da nossa sociedade e de nosso grupo social que explicam porque agimos hoje da forma como o fazemos, é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos, na medida em que questionamos os papéis quanto à sua determinação e funções históricas".

IV - METODOLOGIA

1. Procedimentos Metodológicos

Uma das principais preocupações num aluno de mestrado é a determinação do tema a ser pesquisado, não porque ele chegue à universidade sem projetos de seu interesse, mas porque na escolha do tema intervêm vários fatores incluindo o econômico.

A ideologia sempre foi um problema que despertou o meu interesse, principalmente considerando que a escola como instituição é um "aparelho ideológico do estado" e que através da ciência, da técnica e da pedagogia transmite uma visão de mundo e toda visão de mundo é ideológica.

O estudo das representações sociais nos estudantes que trabalham, me permitiria aprofundar o conceito de ideologia, empiricamente através das representações expressas pelos sujeitos da pesquisa.

O tema como tal, foi determinado no final do ano de 1983.

O referencial teórico foi preenchido nas diferentes disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação assim como nas leituras independentes recomendadas.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi determinada tendo em consideração que meu trabalho profissional tem a ver com jovens. Na escolha do local tivemos em conta a sua situação geográfica, bairro pobre e ter curso noturno, no qual a maioria de alunos que o frequentam estudam e trabalham.

A parte empírica do trabalho durou desde o mês de agosto até final de outubro, foi desenvolvida através do método " Estudo de Caso " e o procedimento de auto-narrativa.

Nós tomamos como caso um grupo de 15 alunos do colegial da referida escola, compreendidos entre as idades de 17 à 22 anos, moradores da Vila Costa e Silva e da Vila Genebra.

Estudo de caso, se refere sempre a uma instância, esta instância pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola etc...

Segundo Marli E. André, Estudos de Caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. Neste tipo de estudo o pesquisador se propõe a responder às múltiplas e geralmente conflitantes perspectivas envolvidas numa determinada situação. Ele o faz, principalmente, através da explicitação dos princípios que orientam as suas representações e interpretações através do relato das representações e interpretações dos informantes.

Explicitando um pouco o procedimento da auto-narrativa, é importante dizer que o motivo do estudo foi colocado claramente para os estudantes, assim como a utilização do gravador foi antes aceito por eles.

Na auto-narrativa utilizei um roteiro de entrevista com tópicos ou pontos chaves, mas ele não foi totalmente direcionado; não existiram perguntas pré-estabelecidas, todavia houve alguma forma de controle por nossa parte, para que fluíssem sem determinados aspectos de importância para o trabalho, mas sempre a partir da fala do estudante.

A auto-narrativa como procedimento de pesquisa, no

estudo da elaboração de representações sociais em estudantes trabalhadores, enriqueceu nossa pesquisa desde que, procuramos perceber, através de seu discurso, vários problemas ligados à ideologia do sistema político vigente, controlando o seu processo educacional, através das instituições escolar e familiar.

O procedimento foi realizado da seguinte forma :

- foi feito um levantamento da escola e da família
- foi preparado um roteiro de entrevista com tópicos de importância para o estudo
- foram colhidos os depoimentos dos estudantes em forma de narrativa e descrição
- foram feitas as transcrições dos depoimentos colhidos em forma de entrevista para em seguida compor a auto-narrativa dos estudantes
- foram aglutinados os dados das narrativas em tópicos determinados tendo em consideração os conteúdos das narrativas. Foi o primeiro passo de organização para depois fixar categorias. O resultado deste primeiro passo ver no anexo.
- foram analisados os dados a partir de categorias.

Na medida em que a construção de categorias é o ponto crucial quando se trabalha com conteúdo de discursos, narrativas etc., achamos oportuno explicitar um pouco melhor como se deu o processo de elaboração de categorias para fins desta pesquisa.

Embora tenhamos optado por construir categorias que emergiram das próprias narrativas dos estudantes trabalhadores entrevistados, não abandonamos a possibilidade de trabalhar concomitantemente com categorias teóricas fixadas "a priori". Foi pois num processo dialético de ida e vinda do material em

pírico aos fundamentos teóricos que nortearam nossa pesquisa, que elaboramos 06 (seis) categorias de análise. Cada uma de las foi criada na tentativa de procurar encontrar evidências que possivelmente se manifestam nos conflitos e contradições vivenciados por jovens estudantes trabalhadores.

Assim foram criadas as seguintes categorias de análise :

1. Relação pais - filhos
2. Relação homem - mulher
3. Igualdade - desigualdade social
4. Indivíduo - sociedade
5. Escolarização - e seu oposto
6. Emprego - desemprego

No processo de coleta de dados vivemos os momentos mais interessantes e até diria emotivos da elaboração da tese.

Em primeiro lugar fui muito bem recebida na escola tanto por parte da direção como pelos professores que me deram todas as facilidades, especialmente pela professora de Psicologia.

Os alunos foram convidados a participar em forma voluntária; se ofereceram 32, lastimamos que todos não participaram do projeto, principalmente por falta de tempo. Eles terminam o ano escolar e eu devo assumir meu emprego no próximo ano.

O ambiente onde nós gravamos as entrevistas, foi completamente descontraído para que os alunos se sentissem à vontade.

O tempo da entrevista foi completamente flexível, respeitando o que eles precisavam para falar. As narrativas duraram de uma a três horas em média, por pessoa.

Quando começava a entrevista, todos de início advertiam-me de que eram tímidos, que não tinham costume de falar e que seguramente eu tinha que ajudá-los. Realmente parecia existir certa timidez, mas não foi necessária a minha ajuda e a vergonha sumiu no processo da entrevista.

No momento em que eles viram que tinham uma possibilidade de falar "deles" livremente sem serem interrompidos, criticados nem questionados, apenas ouvidos com respeito, as palavras fluíam de suas bocas como água de uma pia aberta e às vezes não havia modo de contê-los.

Eu não posso negar que para mim foram momentos de muita emoção e de questionamento pessoal como educadora; porque não sō eram palavras, mas gestos, eram expressões de rosto e algumas vezes raiva e desespero.

Sem dūvida muitos deles esperavam uma palavra minha um conselho, mas meu objetivo não era esse, me limitei a escutar e intervir apenas para conseguir os objetivos da entrevista.

O simples fato de serem ouvidos foi para eles algo importante. É incrível a necessidade que eles têm de ser ouvidos, de manifestar seu pensamento e de exteriorizarem-se apesar da sua timidez. Por isso no lugar de sentir-me na obrigação de agradecer a sua colaboração voluntária, eles se sentiam em dívida comigo.

2. População

Nosso trabalho de pesquisa foi realizado com jovens que estudam na Escola Estadual "Professor Adalberto Prado e Silva", da Vila Costa e Silva, de Campinas, S.P., Brasil.

Na medida em que trabalhamos com " estudo de caso ", a quantidade de estudantes foi definida no decorrer da pesquisa.

Isso porque não estávamos interessados em definir representatividade estatística e generalizações, no sentido tradicional do termo.

Os estudos de caso buscam a descoberta, mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos que orientam a coleta inicial de dados, ele estará atento a elementos que podem emergir durante o trabalho e não estabelecidos a priori. A compreensão do objeto se efetua a partir dos dados e em função deles. (André, Marli - 1984).

Por isso procuramos entrevistar um número de estudantes que podendo ser contextualizados em circunstâncias sociais equivalentes, pudessem fornecer dados para uma "generalização naturalística", ou seja, ao invés de indagarmos : "até que ponto o discurso do estudante trabalhador é representativo 'do que'" (indagação que pressupõe um modelo de pesquisa assentado na representatividade estatística) procuramos entrevistar tantos quantos estudantes fossem necessários para que pudessemos responder : "o que eu posso (ou não posso) aplicar desse estudo de caso à minha situação ?". Isso significa defender uma "generalização naturalística" que se desenvolve no âmbito do indivíduo e em função de seu conhecimento experiencial.

V - CARACTERIZAÇÕES DA POPULAÇÃO E DA ESCOLA

Tabela Nº 1

Sexo e Faixa Etária dos Estudantes

Faixa Etária \ Sexo	Sexo		Total
	Homem	Mulher	
16 anos		2	2
17 anos	2	2	4
18 anos		2	2
19 anos		2	2
20 anos	1	1	2
22 anos		3	3
	3	12	15

Tabela Nº 2

Características e Condições de Trabalho

Condições de trabalho \ Características	Sexo		Rede	
	Mas.	Fem.	Part.	Est.
Assalariados				
Setor Industrial		1	1	
Setor Comercial	2	4	6	
Doméstica		4	4	
Total	2	9	11	

Tabela Nº 3

Salário e Horas de Trabalho e Estudo

Características e horas de trabalho Salário	Sexo		Horas de Trabalho			Horas de Estudo	
	Mas.	Fem.	Menos de 8 hs	8 horas	Mais de 8 hs	3 hs	4 hs
50.000 cruzeiros		1		1			1
Mais de 50.000		2	1	1			2
Mais de 100.000	1	5		5	1		6
Mais de 200.000	1	1		1	1		2
Mais de 300.000							
Total	2	9	1	8	2		11

Tabela Nº 4

Motivo de Trabalho dos Estudantes e Irmãos

	Estudantes		Irmãos
	Homem	Mulher	
1. Manter a família	2	9	12
2. Independência econômica	2	4	3
3. Desempregados	1	3	

Tabela Nº 5

Lugar de Nascimento e Nível de Instrução dos Pais

Características	Lugar de Nascimento		Total	Nível de Instrução			Total
	Urbano	Rural		Primário Completo	Primário Incompleto	Sem Instrução	
Pai	2	13		6	9		
Mãe	1	14		5	8	2	
Total	3	27		11	17	2	
			30				30

Tabela Nº 6

Ocupação dos Pais

Ocupação	Pai	Mãe
1 . Cabelereiros	1	1
2 . Ferreiro Armador	2	
3 . Motorista Taxi	1	
4 . Motorista Empresa	2	
5 . Limpeza Pública	1	
6 . Pedreiro	3	
7 . Chefe de Seção	1	
8 . Prendas Domésticas		4
9 . Doméstica		4
10. No Lar		4
11. Aposentado	2	1
12. Falecido	2	1
Total	15	15

5.1. Caracterização da Escola

A Escola "Professor Adalberto Prado e Silva", fica na Rua dos Arapanês, s/n, na Vila Costa e Silva da cidade de Campinas, Estado de São Paulo, Brasil.

Foi criada em 11 de agosto de 1973, iniciando seu funcionamento no dia 13 de agosto do mesmo ano.

O número de alunos matriculados em 2º Grau - Colegial é de 210; dos quais 80 pertencem à 2.^a série, divididos em duas aulas.

A porcentagem de alunos que termina o colegial é de 75%; sendo as principais causas da evasão escolar o horário de trabalho e a falta de tempo para estudar.

A porcentagem de alunos que assistem diariamente não foi fornecida pela escola.

O número de professores que trabalham no 2º Grau Colegial, no turno da noite é 14; 6 com dedicação integral e 8 com dedicação parcial.

Os professores que se dedicam exclusivamente ao trabalho educativo são 11, e 3 têm além da educação outras atividades.

A Qualificação Acadêmica dos professores corresponde ao 3º Grau, alguns fazendo na atualidade pós-graduação.

Os alunos que freqüentam esta escola são da classe média baixa e assalariados.

A Escola manifesta que os alunos nestas condições, não têm perspectivas para estudos superiores, porque a maioria interrompe a atividade educativa após o 2º Grau, principalmente por não ter condições econômicas.

No que se refere aos pais dos alunos, se declara, não existir contato com os professores, porque os alunos que estudam no turno da noite, geralmente freqüentam a escola por vontade própria, sentindo-se os pais livres desta responsabilidade.

Mas por outro lado se manifesta que os pais se sentem satisfeitos com a qualidade de ensino. Não foram respondidas as razões desta satisfação nem os canais que possibilitam este conhecimento.

5.2. Caracterização da População

Na tabela nº 1 que verifica a idade dos estudantes trabalhadores, nos permite apreciar a diferença que existe entre eles, de 16 a 22 anos e por outro lado o fato de assumir já a partir dos 16 ou 17 anos uma responsabilidade econômica familiar. Isto é necessário sublinhar porque em outros grupos sociais, indivíduos com 16 anos não são considerados suficientemente maduros para assumir um trabalho (tabela nº 2).

Desde o ponto de vista das condições de trabalho podemos classificá-los em trabalhadores assalariados.

É amplamente conhecido que os alunos que estudam no período noturno, exercem uma atividade profissional.

O setor comercial é o que absorve o maior número de alunos, e o setor industrial, o menor. Como domésticas trabalham 4 mulheres; o que confirma que o emprego de doméstica parece ser reservado para a mulher.

Na tabela nº 3 verificamos o tempo que o sujeito dedica ao trabalho, ao estudo e qual é seu salário mensal.

Com respeito ao salário, este oscila entre os 50.000 e menos de 300.000 cruzeiros, sendo sō duas pessoas que ganham acima dos 200.000. Um aspecto que nos chamou atençāo, ē a existēncia de salārios abaixo do salārio mīnimo, e isto nāo sō ocorre no emprego como domēstica mas tambēem no comērcio.

A freqüēncia maior de nūmero de horas dedicadas ao trabalho ē de 8 horas; sō uma pessoa trabalha menos de 8 horas e dois um tempo maior.

Este dado ē importante na medida em que o nūmero de horas de trabalho vem comprometer o rendimento escolar do alno e uma dedicaçāo maior ao estudo fora da escola.

Todos os alunos manifestam ter dificuldades para realizar as duas atividades : estudo e trabalho, por sentir-se cansados.

É por outro lado importante notar que o nūmero de horas dedicadas ao estudo, ē unicamente o tempo que corresponde ā permanēncia na escola : 4 horas. Na tabela nāo aparecem os desempregados que tambēem consideram 4 horas.

Entre os motivos que os levam a trabalhar, estā em 1º lugar com 100%, o fato de ter que ajudar na manutençāo familiar, e alēem disso seis pessoas manifestam o desejo de sua independēncia econōmica.

Os salārios dos irmāos tambēem sāo dedicados ā ajuda na casa.

Como consta na tabela nº 4, trēs mulheres e um homem estāo desempregados, criando-se por este motivo uma problemātica familiar.

Outros dados que nōs achamos necessārio conhecer foram referentes aos pais : lugar de nascimento, nīvel de instruç

ção e ocupação profissional.

Como nos mostra a tabela nº 5, a maioria, dos pais tem procedência rural, sendo este um dos motivos de seu baixo nível de instrução. O máximo alcançado é o primário : 6 homens e 5 mulheres tem o primário completo; 9 homens e 8 mulheres tem o primário incompleto e 2 mulheres não tem instrução.

Por último na tabela nº 6 temos a referência ocupacional dos pais. A maior incidência nos homens se dá na ocupação como pedreiro e nas mulheres no emprego como doméstica e prendas domésticas.

Devemos esclarecer que a caracterização dos sujeitos da pesquisa, através dos dados colhidos na escola e através deles mesmo, foi para contextualizar as narrativas expressas pelos sujeitos da pesquisa e porque o estudo de caso recomenda a utilização de várias fontes de informação.

VI - CATEGORIAS ANALISADAS

6.1. Relação pais - filhos

A função mistificada dos pais, a encontramos geralmente na literatura idealista. Ela nos apresenta uma imagem de pai e mãe quase como sinônimo de perfeição e heroísmo : seres que por amor se unem num vínculo indissolúvel, por amor engendram filhos, e vivem o resto da sua vida concretizando a praxis do amor até os limites da renúncia à felicidade própria e ao heroísmo. Eles são o espelho onde os filhos têm que ver-se.

Filho então é aquele ser querido, frágil, indefeso, que vive sob a proteção dos pais, até quando ele é capaz de valer-se por si próprio em todo aspecto. Ele tem o dever de amar e respeitar os pais, à troca de um direito a ser criado, educado e protegido pelos pais.

No entanto através dos depoimentos dos entrevistados nos encontramos com uma representação diferente de pai, mãe e filho; imagem que é produto do real. E é aqui então, nas relações reais e concretas que podemos descobrir a presença da ideologia dominante ocultando as verdadeiras causas das contradições sociais.

Em nenhum caso aparece a relação família-sociedade . A família é vista como uma instituição que nada tem a ver com a realidade social; só num caso é representada como a causa do logro social: "se a família não se forma bem, a sociedade não se ajusta".

Portanto o fato de ter um tipo de pais : fechados, agressivos, dominantes, tradicionais, machistas etc. se deve unicamente à falta de estudos destes, a ter nascido e crescido na Roça e a ter recebido uma formação muito rígida de seus antepassados.

Esta interpretação lhes permite conviver com imagens contraditórias, aquela que é produto do real portanto histórica e a outra imagem ideológica que ilude, cria expectativas, oculta o real evitando o questionamento da institucionalização da família.

Por outro lado, aquele filho, que brinca de criança, que é protegido pelos pais, dedicado só a atividade do estudo, mantido pelos pais por direito, que é escutado, respeitado, etc., não aparece nas narrativas dos entrevistados, é, diríamos, tudo ao contrário.

Não existe neles uma "história" de vida feliz como filhos; sua representação de criança não é aquele "botão de rosa" que se abre feliz à vida, mas aquele ser indefeso, medroso, sozinho, que tem perante si um adulto agressivo, frio, dominante.

De crianças físicas passam a ser adultos responsáveis, têm que assumir a manutenção da casa, não como uma colaboração mas como uma obrigação; e isto o comprovamos no caso dos três desempregados : "meu desemprego cria atritos na família".

O filho pertencente a uma família pobre, parece sentir-se com a obrigação moral de manter a casa; não existe nos depoimentos uma atitude de questionamento ao respeito; esta obrigação é assumida como natural. Só no caso de uma moça aparece uma crítica ao pai, "para ele o serviço tem que ser obri

gação" mas que termina aceitando quando procura com insistência um trabalho.

Entendemos que este tipo de exploração é oculta pela ideologia "dos deveres do filho". Não se pode portanto falar do filho em geral; ser filho numa casa pobre tem uma significação diferente a ser filho numa casa que pertence a grupos mais privilegiados.

Assim como também não se pode falar de um pai e de uma mãe em abstrato.

O fato do sujeito pertencer a um determinado grupo social condiciona desde o início o desenvolvimento de seus vínculos com o mundo circundante, a maior ou menor amplitude de sua atividade prática, de seus conhecimentos, de suas comunicações e das normas de conduta que assimila.

6.2. Relação homem - mulher

Ao analisar as categorias homem - mulher nos depoimentos dos entrevistados é imprescindível compreender a atuação da ideologia do sexo, mantenedora das bases em que se exerce o sistema de poder patriarcal.

Por outro lado importa compreender que as contradições nas sociedades de classes não se reduzem ao antagonismo entre possuidores dos meios de produção e vendedores da força de trabalho. A própria necessidade de exploração gerou outras contradições como as de sexo. Assim podemos constatar a partir dos depoimentos dos entrevistados que a mulher, neste contexto, é oprimida dentro da sua própria classe pelo homem que, apesar de dominado, é para ela dominante.

Em quase todas as narrativas constatamos a presença

do homem como sexo "forte" e a mulher como sexo "frágil" : homem bravo, agressivo, autoritário, dominante, fechado, atitudes assumidas não são pelo pai, mas também pelos irmãos fazendo o papel de pais, imagem que marcou tão negativamente no caso de duas moças que chegam a ter medo do sexo oposto.

Por outro lado a mulher calada, submissa, nervosa, revoltada, conformista; assumindo, em alguns casos, uma atitude de compreensiva perante os filhos e em outros uma atitude agressiva e autoritária.

Estas relações contraditórias, que são denunciadas e como tal "rejeitadas" pelos sujeitos da pesquisa, são ao mesmo tempo reproduzidas e aceitas por eles, mas de forma disfarçada e em alguns casos até mistificada e isto porque o objetivo da ideologia do sexo dominante opera no sentido de encobrir as relações de poder e discriminação, levando a mulher a interiorizar sua condição subordinada e aceitar como natural o que não passa de uma criação de ideologia dominante.

Vemos pois nas narrativas, que as moças gostam de um homem que lhes dê segurança, aqui estão se representando como sexo frágil; outras acreditam que o homem não "gosta" de ser menos que a mulher, sobretudo no campo profissional, aqui aceitam a representação de seres inferiores; outras esperam que o homem lhes dê a felicidade que agora não têm; a mulher sempre dependendo. Outras subestimam tanto a sua condição de mulher que se sentem obrigadas a agradar ao homem como condição para estabelecer uma relação amorosa : "guardar a virgindade para agradar a ele", "pensava não casar nunca por não ser bela de rosto".

A mulher treinada para agradar ao homem, sente-se perdida sem este ponto de referência, que lhe dá a medida de

seu valor. A sua relação com o homem é muitas vezes uma relação dramática e teatral, está no palco tentando ser alguma outra mulher, mulher "bonita", mulher "feliz", mulher "realizada".

Nos depoimentos dos rapazes a representação que eles têm da mulher e do homem corresponde claramente a sua condição de sexo masculino. Um rapaz diz minha mãe, coitada, como ela é "mulher" é submissa, ou seja, a submissão é algo próprio e natural na mulher. Em outro está presente a imagem de mulher solteirona que se casa por necessidade, sua idade, confirmando assim a idéia que a mulher sempre precisa de um homem.

Para um terceiro, o homem foi "criado" para ser o dono e senhor da natureza e a mulher para ficar ao lado dele, dependendo dele. Como tal não se poderá dar a igualdade de sexos, apesar da luta da mulher porque a diferença é natural e não um produto social.

Sendo o homem, o dono da natureza, é lógico que se sinta proprietário da mulher, não só de seu corpo mas também de suas metas e aspirações "eu vou ou não vou deixar ela trabalhar".

Mas também descobrimos, nos depoimentos, a presença de uma contra-ideologia lutando com crenças e preconceitos, "quando o amor não existe não são os filhos os que têm que me assegurar", "a mulher tem direito a realizar-se" ...

6.3. Igualdade - desigualdade social

Partimos do princípio de que o capitalismo implica principalmente na existência de duas classes sociais antagônicas : uma que detém o capital e os meios de produção e outra

que vende sua força de trabalho.

É esta contradição fundamental da sociedade capita lista que a ideologia dominante procura encobrir, não de forma premeditada, mas decorrente da própria divisão de trabalho em intelectual e manual, cabendo à classe dominante o pensar a própria sociedade, criando explicações a partir de uma visão fragmentada da sociedade "as classes dominadas participam de uma concepção do mundo que lhe é imposta pelas classes dominantes" (Gramsci).

Na maior parte das narrativas vemos proclamada a igualdade social : "todos somos iguais", "ninguém é superior a ninguém", representação que é totalmente contraditória com a sua experiência concreta de vida.

Entendemos que com esta afirmação eles se sentem parte "da sociedade" como um todo harmônico; um "indivíduo cole tivo", idéia que é própria da ideologia burguesa para ocultar que a sociedade civil é a produção e reprodução da divisão em classes e é luta de classes.

Todos se dizem pertencer a uma família pobre; em al guns casos aparece a palavra classe pobre, mas a classe apare ce como uma coisa em si e da qual eles se convertem numa par te, queiram ou não, "não me revolto com a pobreza, a minha sor te foi essa", ou seja, uma fatalidade do destino.

A classe é representada pelos entrevistados como al go natural e não histórico; como um fato e não como resultado da ação dos homens. A falsificação ideológica da realidade que tem como objetivo manter o estado de desigualdade social, mascarando as contradições geradas pela estrutura de classe, cria no grupo dominado uma falsa consciência, na medida em que o leva a interiorizar a dominação, aceitando-a como natural.

Esta falsa consciência é percebida em alguns depoimentos quando se mistifica a pobreza a tal ponto de sentir-se privilegiado de pertencer à classe pobre : "Eu não gosto dos ricos", "os pobres têm mais a dar", "o pobre é sincero, leal, tem experiência da vida", "o rico é mentiroso, racista, fingido", "não é sofrido".

É importante penetrar no significado da palavra, que como afirma Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência. O sofrimento para o pobre significa ser mais : mais humano, mais generoso, mais compreensivo etc., e aí estaria então a "riqueza" do pobre, em ser mais sem procurar ter mais para não "empobrecer".

As desigualdades sociais vistas como naturais nas narrativas dos entrevistados têm suas variações interpretativas : uns acham que são desiguais por natureza e pelo destino : "meus pais nasceram e se criaram na roça"; outros acreditam que são desiguais por natureza, mas que a vida social permite-lhes o direito a superar-se : "quem luta e se esforça triunfa". Outros acham que são desiguais por natureza e pelas condições sociais, mas que são iguais perante a lei : "a universidade não discrimina, quem quiser pode entrar nela". Finalmente há quem diga que desigualdades têm que ter sempre e que o mundo não tem que ser mudado.

Logicamente que esta afirmação entra imediatamente em contradição quando eles falam das suas metas para o futuro : "eu estudo para ser alguém na vida"; minha meta é ser médico, arqueóloga, psicóloga, ter um bom emprego ... etc.. Isto nos leva a confirmar que o ser não só reflete a realidade mas também se rebela contra a mesma.

Não poderíamos deixar de mencionar algum caso onde

a interpretação da desigualdade não é vista como natural mas como criação social, "o analfabetismo é criado pelo governo para evitar as reivindicações sociais".

6.4. Indivíduo - sociedade

Não é difícil encontrar em certas teorias psicológicas a antinomia : indivíduo - sociedade. Supõe que o indivíduo está limitado, distorcido, coagido pela organização social. Os seres humanos para lograrem os benefícios da vida social têm que sacrificar a satisfação de tendências individuais que são incompatíveis com as normas sociais e a organização cultural em geral.

Trata-se de salvar a sociedade na sua organização presente, considerando o homem inclinado ao mal, portanto a causa dos desajustes e da desorganização social. Em outros, ao contrário, se defende o mito do homem bom por natureza, mas corrompido pela sociedade.

Nós entendemos que a relação indivíduo - sociedade , se dá a partir de uma relação dialética, existindo como tal uma interdependência mútua.

O desenvolvimento tanto histórico como individual do homem é socialmente determinado sendo considerado o determinismo no sentido dialético : relações essenciais que ligam o homem à realidade objetiva : homem e a natureza, homem com os objetos e homem com a sociedade, que devem ser considerados como um processo único.

O indivíduo se insere na sociedade através de sua vinculação a grupos institucionalizados tais como a família, a escola, a Igreja etc., as quais vão determinar as ações

ciais deste indivíduo e garantir numa sociedade de classe a sobrevivência do sistema. Por outro lado a presença do indivíduo a um ou outro grupo social vai determinar qual a sua concepção do mundo.

Nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, vemos representada de uma ou outra forma, a antinomia indivíduo-sociedade "o País está desse jeito pelo egoísmo dos homens", "o egoísmo do homem leva a tudo isso", "se cada um fosse responsável", "se todos procurassem trabalhar o Brasil seria diferente". Temos aqui representada uma sociedade "bem sucedida" como a "soma" dos esforços individuais.

Por outro lado o fato deles sentirem-se isolados, incompreendidos, sozinhos, os leva a pensar numa luta individual que é mediatizada com uma riqueza e potencialidade interior: "Eu vou à luta", "Eu sei que posso", "vou demonstrar que o pobre é capaz", "tudo vai depender de mim mesmo"... Claro está, isto é reforçado pela ideologia dominante que se de um lado afirma a igualdade dos homens, de outro diz que é o esforço, a dedicação e a tenacidade que fazem de uns mais bem sucedidos que outros.

Em outros depoimentos descobrimos que o fato de identificarem-se como indivíduos pertencentes a um grupo social determinado, não lhes permite terem certas aspirações, próprias de todos os homens, mas conformarem-se com sua sorte: "eu sou pobre porque essa é a minha sorte". É dizer que renunciam a essa impossibilidade que a sociedade lhes nega como algo natural: "Eu não posso fazer faculdade", "Eu não tenho meios econômicos", "tenho que ser realista". Ser realista representa para eles aceitar sua sorte e não se permitir maiores aspirações que aquelas que podem ser possíveis na sua classe. Nós

aprendemos na escola desde crianças que a sociedade é composta por indivíduos e que cada indivíduo "tem" um papel a desempenhar; uns papéis são mais importantes que outros, mas o que interessa é que cada um cumpra a sua função. Parece que a lição está sendo bem aprendida pelos nossos pesquisados.

Nos mesmos depoimentos e em outros encontramos representada a sociedade em luta contra o indivíduo: "a juventude vive em revolta por causa da sociedade", "a sociedade vive seu mundo", "ninguém se importa com ninguém", "a sociedade discrimina". Mas se examinarmos detalhadamente as narrativas, vemos que esta determinação social sobre o indivíduo só acontece quando eles se referem a outros: outros jovens, outros seres humanos e não em se tratando deles mesmos.

Na maioria dos casos quando eles se representam como "nervosos", "fechados", "revoltados", "inseguros", "infelizes" etc. tendem a determinar como causa única a situação familiar: "Eu sou assim por problemas não meus, mas de meus pais", "os problemas de casa me fizeram assim", "Eu era uma filha legal depois mudei por causa da incompreensão dos meus pais".

Por último tem quem se representa como parte do grupo, parte da sociedade e não acredita no individualismo "Jovens e adultos têm que se unir para lutar", "não adianta lutar sozinha, tem que ser todos juntos", "é necessário a unidade". Aqui já podemos entrever uma certa consciência de classe.

Cabe ainda fazer uma referência que me parece importante neste grupo social. O fato de considerar como causa de suas características individuais, elementos "metafísicos" tais como o horóscopo, encontrando-se realmente identificados com as características dos signos zodiacos: "sou inseguro, exigente ... porque sou de virgem" "sou de touro, não aceito muita

ordem"; sentindo-se quase que obrigados a seguir suas indica
 ções : "aos domingos fico lendo o horóscopo porque tenho medo
 que me aconteça algo".

Para outros as crenças supersticiosas têm muito va-
 lor : "praga de mãe pega mesmo"; práticas espíritas "encosto",
 "juntar alma do pai, de chuva, do namorado". Tudo isto nos
 permite julgar qual a sua visão de mundo e concordar com
 Gramsci que nos indivíduos se encontra a presença da ideologia
 dominante, elementos da contra-ideologia e valores sobreviventes
 do passado.

6.5. Escolarização e seu oposto

Em geral na nossa sociedade o conhecimento tem um lugar
 material "a escola", assim como a ignorância também tem
 seu lugar "o interior", "a Roça".

Nos grupos sociais com escassos estudos acadêmicos,
 a escola é altamente mistificada pela sua função de permitir
 "o status social", os pais que não tiveram a possibilidade de
 frequentar a escola ou frequentaram-na sã nos primeiros anos
 do primário, se sentiram perdidos na sociedade culta; experiênc
 ia que marcou muito no seu relacionamento com os outros e ex
 periência que não desejam seja refletida aos seus filhos.

A sociedade está feita para seres com "conhecimentos";
 ser eletrado significa ser sem direitos, ser ninguém.
 Por esse motivo os pais que se representam como ignorantes, e
 são representados pelos filhos como tais, transmitem a estes
 a necessidade de estudar para conseguir um lugar na sociedade.

Isto é reforçado pela escola que "promete" criar ex
 pectativas, "ilude", reforçando o individualismo e a competiti

ção, reforçando também a divisão ideológica entre trabalho intelectual e trabalho braçal quando valoriza as disciplinas mais abstratas, mais intelectualizadas.

Quando os sujeitos da pesquisa representam a escola, em geral falam : "a escola junto com a família são responsáveis pela orientação dos alunos", "a escola é para aprender, para estudar", mas quando falam da sua escola representam-na como "escola de pobres", "escola de ensino fraco". Significa portanto que não existe a "escola", existem escolas; esta contradição é detectada, mas sô para ser comparada com as escolas dos ricos. "Eu gosto da minha escola".

Por isso apesar de ter consciência destas desigualdades, que são vistas como naturais, todos estudam para ser "alguém na vida", "para subir na vida", "para arrumar um bom emprego", significa pois que a escola, ainda que seja de baixa qualidade, dá identidade, dá prestígio, mostra o caminho para subir.

As expectativas que eles têm da escola são muito grandes; mas estas expectativas estão sempre em relação ao futuro : "estudo porque quero ser alguém na vida". A representação de ser alguém é sempre para depois; isto significaria entender que a missão da escola é "preparar" para.

Quando eles falam dos professores quase sempre os representam como "legais", "amigos", "compreensivos", "diretivos", "dão liberdade, confiança"; claro que alguns questionam esta confiança como sendo um perigo contra a autoridade do professor; "têm professores que dão muita confiança aos alunos", "os alunos querem ser iguais aos professores", "temos que respeitar a autoridade do professor".

Respeito e autoridade, para eles, são dois termos

muito ligados a poder e submissão, e estão tão interiorizados neles, sobretudo pelas relações familiares, que parece existir uma necessidade de distância e dependência como algo natural : "o aluno deve obedecer ao professor"

Uma metodologia participativa, onde o aluno age como sujeito e não somente como mero receptivo, também é questionada por alguns : "o professor tem que dar mais conteúdos", "o professor tem que fazer primeiro a cabeça do aluno"; representações contraditórias que se dão porque muitas vezes o dominado, que às vezes reclama democracia, tem como necessário ter alguém que tome as decisões, que pense por eles, ou seja, é mais fácil para eles acompanhar os que pensam, os que tomam a iniciativa do que assumir a responsabilidade das decisões próprias.

Mas também encontramos depoimentos de sujeitos que representam ao professor como orientador e julgam como boa a participação do aluno no processo de aprendizagem, ou seja, eles têm uma visão diferente dos papéis desempenhados tanto pelo professor como pelo aluno, "o professor deve participar junto com o aluno", "o aluno é quem deve tirar as suas conclusões".

Outros questionam os conteúdos como sendo muito distantes da sua possibilidade de entender, "o aluno não consegue entender a fala do professor", "o vocabulário do professor é muito difícil".

A escola institucionalizada está determinada a garantir a reprodução de conhecimentos e valores de uma cultura como sendo a única descrição correta do mundo. Este padrão dominante, leva a efetivizar de uma forma muito discreta o poder seletivo da escola, pois desde o uso da linguagem até os exemplos do próprio cotidiano do professor serão melhor apreendi

dos por aqueles alunos que têm essa concepção de mundo.

Um fato que eu gostaria de chamar a atenção é o seguinte : apesar de ser a escola, para este grupo, um meio para ascender socialmente, a narrativa deles com respeito à escola foi muito pobre, eu poderia dizer até indiferente. Por quê ? Serão que a escola não está respondendo às suas expectativas ? ou será que a escola representa só um momento passageiro na sua vida ?

A maior parte deles, sem dúvida não vão continuar estudos superiores, a suas possibilidades são muito remotas. Me parece que este fato real, deveria motivar a escola a aproveitar com maior interesse esse espaço de liberdade que tem, e contribuir na formação da atitude crítica dos alunos; atitude que lhes permitirá descobrir em suas relações diárias na família e no trabalho, as verdadeiras causas das contradições sociais e ter portanto uma concepção de mundo diferente.

6.6. Emprego - desemprego

Numa sociedade qualquer, onde o fenômeno do emprego e desemprego, constitui um fenômeno social crítico, a competição de todos contra todos dá lugar a que na atividade de trabalho dominem os motivos individualistas, no sentido da competição, da ambição pelo progresso pessoal em detrimento dos outros. Se deseja não só que a si mesmo tudo lhe corra bem e consiga alcançar o máximo, mas também se deseja que ao outro lhe suceda todo o mal possível. E isto não por maldade como muitas vezes se julga, mas por necessidade de sobrevivência.

Nos parece incorreto pensar que os motivos, interesses e aspirações pessoais devem desaparecer, isto seria utópico

co, mas podem estar vinculados aos interesses sociais, fato que lhes permitiria uma transformação do sentido.

Vivendo um conflito familiar tão crítico, o emprego, para os nossos entrevistados é representado como lugar do esquecimento; representam seu trabalho como gostoso, bom: "Eu gosto do meu trabalho", "nele encontro certa paz", "gosto do que faço", "ele é cansativo mas eu gosto".

Assim mesmo, quase para todos, o trabalho constitui a causa da sua mudança pessoal e o lugar de aprendizagem: "eu mudei no meu trabalho", "no trabalho cresci como pessoa", "a minha visão do mundo se ampliou no trabalho", "o trabalho ajudou-me no relacionamento com os outros", "eu aprendi muito no trabalho", "você se sente obrigada a mudar".

Rubinstein nos diria a esse respeito que o trabalho se orienta à produção, à criação de um determinado produto, mas também é o meio mais importante para a formação da personalidade. No processo de trabalho não somente se cria um determinado produto da atividade mas este mesmo se forma com o trabalho. Na atividade do trabalho se desenvolvem as aptidões do ser humano, se forma seu caráter: "eu me soltei", "aprendi a conversar sem medo com as pessoas"; se forjam seus princípios ideológicos e se transforma sua postura com respeito à atuação prática.

Mas é importante diferenciar, as opiniões referidas anteriormente com as daquelas que trabalham como domésticas. Embora todos os entrevistados estejam desempenhando um trabalho classificado como braçal, oposto ao intelectual, parece que os que trabalham no comércio não percebem tanto a diferença, ou pelo menos não se representam tão discriminados.

Agora as que trabalham como domésticas representam

seu emprego como denigrante : "me acomodei nesse trabalho humilhante". A representação que elas tem da doméstica e do que os outros pensam da doméstica é quase anti-humano : "doméstica não é nada", "a doméstica é ignorada", "sinto-me humilhada pela patroa", "doméstica não tem sentimentos", "calo e suporto porque preciso trabalhar".

A desvalorização de seu trabalho e a alienação chegam a tal ponto que uma diz "eu não sei se o que ganho é pouco ou não" (50.000 cruzeiros) e outra não se permite solicitar aumento porque a "filha da patroa vai se casar"; ou seja elas se consideram sempre em último lugar até para reclamar seus direitos. Isto se compreende porque num sistema de exploração onde as relações sociais são contraditórias, o trabalho é para o trabalhador uma pesada carga que o mecaniza e aliena.

Estando ou não contentes no trabalho, os entrevistados não pretendem ficar no emprego atual, "não pretendo ficar neste serviço", "estou procurando outro serviço", "vou procurar um emprego que me dê prestígio", "pretendo conseguir um bom emprego".

Qual o motivo do trabalho atual dos entrevistados ? Podemos afirmar que em 100% é a necessidade da sobrevivência pessoal e familiar, junto ao desejo de independência, por isso aceitam qualquer tipo de trabalho : "aceito por necessidade", "minha família precisa", "meus pais são muito pobres" . Daí que o salário que é considerado em geral como "pouco" não é reivindicado porque junto com os salários dos pais e dos irmãos dá para cobrir o mais elementar. Há inclusive uma entrevistada que diz que seu salário é ótimo porque dá para ajudar a seus pais e para pagar suas contas.

Esta atitude "indiferente" à reivindicação é reforç

çada pela ideologia dominante que mistifica a atitude conformista do pobre como virtuosa e exemplar : "não sou interesseira no dinheiro", "isso pode fazer pensar que a gente só quer dinheiro".

Além disso, no momento de crises de trabalho, ter em prego significa ter sorte : "não posso me queixar", "muitos não têm emprego", "pelo menos eu ganho". E eu diria também por ter a esperança de conseguir outro emprego melhor.

No momento, seu emprego, seu trabalho é algo provisório; estão lá por uma necessidade exclusiva, mas posteriormente eles pretendem ter um trabalho e um emprego melhor que serão garantidos, tanto pela sua "intelectualidade" desenvolvida na escola como pela profissão também intelectual que será conseguida na universidade.

Então o motivo e a necessidade já não serão unicamente a sobrevivência, mas principalmente "o prestígio", "ter um nome na sociedade", "prestar um serviço à humanidade".

As atividades diria Leontiev respondem a determinada necessidade do sujeito, as necessidades estimulam e dirigem a atividade humana, por isso esta desaparece quando essa necessidade é satisfeita e volta a reproduzir-se outra vez em condições totalmente distintas e modificadas.

O desemprego neste grupo social cria uma verdadeira angústia e desespero, além de serem cobrados permanentemente pelos pais, eles se sentem com sentimento de culpa por não ajudar economicamente na casa : "eu preciso trabalhar", "quero qualquer emprego", "meu desemprego cria atrito na minha casa", "eu não tenho escolha, aceito qualquer coisa".

É importante ver neste fenômeno social do desemprego

as contradições dos nossos entrevistados, quando eles afirmam que "o Brasileiro é irresponsável" que "se todo mundo trabalhasse o Brasil seria diferente", parece que eles não percebem por experiência própria, que no Brasil, não é possível todo mundo trabalhar, não porque esta impossibilidade seja um fato próprio do Brasil, mas pela política econômica do sistema.

VII - CONCLUSÕES

Na medida em que procuramos interpretar os dados durante todo o processo de apresentações dos resultados, à guisa de conclusão, limitar-nos-emos a destacar os aspectos mais relevantes em nosso diálogo com os jovens.

Neste sentido procuraremos salientar as constantes variações, os consensos e algumas exceções.

Tentaremos em seguida, depois de descrito o empírico procurar explicações a partir do referencial teórico adotado para enriquecer os dados em toda a complexidade de suas determinações. Não deixaremos também de levantar algumas das implicações educacionais que a análise dos dados suscitam.

A problemática mais saliente na narrativa dos estudantes, são as relações com a família, principalmente com os pais. Em cerca de 90% a figura do pai aparece negativamente representada como sendo agressiva, fechada, autoritária e só numa porcentagem menor esta representada e atribuída à mãe.

Um dos aspectos mais cobrados nesta relação é a falta de diálogo e comunicação, sobretudo para resolver dificuldades próprias de sua idade e sexo, fatos que segundo eles não podem ser preenchidos em outros tipos de relacionamento.

Esta falta de diálogo pais - filhos também é constatada na relação esposo - esposa e irmãos; salientando sempre a dominação por parte do esposo ou dos irmãos homens.

Contrariamente, aparece em muitos casos a figura da mãe como querendo relativizar o autoritarismo dos homens, mas

sempre numa atitude passiva de compreensão e resignação. Nos casos onde a mãe é a autoritária, o pai aparece como aliado desta, "respeitando" essa autoridade materna.

Em consequência, os rasgos negativos da personalidade dos estudantes : timidez, vergonha, insegurança, rebeldia etc., aparecem sendo fruto da incompreensão familiar.

Não existe aceitação absoluta, perante ao fato de não ter uma família "ideal"; a maior parte deles manifesta um desejo grande de ter pais diferentes : carinhosos, compreensivos, respeitosos, ou seja, aquela imagem de pais que a sociedade lhes oferece.

O trabalho é considerado como importante para eles na medida em que lhes permite : ganhar para ajudar economicamente na casa, conseguir a dependência econômica, ser um lugar de aprendizagem e onde apesar da exploração esquecem seus problemas familiares.

Em geral, o direito à reivindicação não é muito sentida neles por ter consciência da dificuldade de empregos, medo de serem despedidos e também pela esperança de ter num futuro um emprego melhor.

O trabalho intelectual é sempre valorizado acima do trabalho braçal; se justifica esta divisão e valorização, pelo fato de que o indivíduo teve que lutar e se esforçar para chegar lá.

A Escola aparece nos depoimentos como sendo o meio para chegar a ser intelectual e o lugar por onde necessariamente, tem que passar o indivíduo para ser alguém, para ter prestígio e conseguir um emprego bom.

Apesar de ser considerada a sua escola como "escola

de pobres" o que significa ensino fraco, poucos se manifestam no sentido que este deve ser melhorado. Ao contrário expressam estar contentes nela, sobretudo pelo relacionamento com os professores, qualificados como bons.

No mundo social as desigualdades e a existência de classes divididas, são detectadas mas no consenso estes fatos são vistos como naturais e não como produto histórico, daí que num caso se chega a justificá-las como necessárias para conservar a ordem estabelecida, em outros se chega inclusive a sentir-se privilegiados de pertencer à classe pobre.

O aspecto afetivo no que se refere ao relacionamento com o outro sexo, aparece conflitante pelo fato de sentir-se inseguros, misturar sentimentos e nas mulheres muito mais, por acreditarem-se obrigadas a ter que agradar ao homem.

Assim ao termo deste resumo podemos concluir o seguinte :

Embora ao analisar as representações sociais, tenhamos tido sempre como referência uma sociedade dividida em classes antagônicas, divisão que tem como origem a divisão social do trabalho; concluimos que sem perder este referencial é necessário considerar numa pedagogia do oprimido a existência de categorias que extrapolam a divisão definida ao nível das relações de produção.

Uma destas categorias é a de sexo, portadora de características culturais que a especifica e que manipulada pela sociedade de classes, justificam sua maior exploração. A superação da sociedade de classes é requisito necessário, mas não suficiente para a eliminação do sexismo.

A opressão da mulher não é apenas anterior ao advento da sociedade de classes, mas manteve-se assumindo caracte

rísticas diversas, através dos diferentes modos de produção históricas.

A família é um ponto importante a ser considerada, porque nela o indivíduo inicia seu processo de socialização e é em virtude desta primeira socialização que ele torna-se membro da sociedade.

Um aspecto importante a ser considerado neste processo de socialização, é que ela implica mais do que o aprendizado puramente cognoscitivo. Se dá em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção. A família lida com o afetivo, aspecto que permite a identificação de seus membros de uma forma quase indelével.

Mas somos conscientes que este processo não é unilateral nem determinista, implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação.

Sabendo que a família como instituição é fortemente defendida em qualquer sociedade, por considerá-la a base fundamental da sociedade; e depois de constatar a problemática real da família, através dos depoimentos de nosso grupo de estudo, me permito levantar uma questão, que pode ser de interesse para posteriores estudos e que dado o escopo deste trabalho não me sinto em condições de responder : " Que significado histórico tem a família nestes grupos sociais ?"

Finalmente, concluimos acreditando que a escola tem a chance de possibilitar o início de um processo de mudança social, convertendo a sua pedagogia elitista numa pedagogia de libertação.

É necessário que aproveite o pequeno grau de liberdade que necessariamente tem, para motivar a consciência dos

alunos, permitindo-lhes através dos mesmos conhecimentos oferecidos, analisar e interpretar os fatos sociais, a partir de uma consciência de classe e sentir-se portanto capazes de transformar sua realidade.

VIII - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Alexis Leontiev. *Actividad, Conciencia y Personalidad*. Ediciones Ciencias del Hombre - Buenos Aires, 1978.

—————. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Tradução de Manuel Dias Duarte - Editora Livros Horizonte Ltda. Lisboa, 1978.

André, Marli E.D.A. "Estudo de Caso : seu potencial na Educação" - *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, maio 1984 - nº 49, São Paulo.

Antonio, Gramsci. *Concepção Dialética da História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho - Editora Civilização Brasileira, S.A., 5.^a edição, Rio de Janeiro, 1984.

Antonio Joaquim Severino. *Metodologia do Trabalho Científico*. Coleção Educação Contemporânea - Cortez Editora / Autores Associados, 9.^a edição, São Paulo, 1983.

Bárbara Freitag. *Escola, Estado e Sociedade*. Editora Cortez e Moraes Ltda., 3.^a edição, São Paulo, 1979.

Berger P. Luckman E. *A Construção Social da Realidade*. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes - Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1973.

Bernard Charlot. *A Mistificação Pedagógica*. Tradução de Ruth Rissin Jossef - Zahar Editores, 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1983.

José Bleger. *Psicología de la Conducta*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1981.

- Leandro Konder. *O que é Dialética*. Editora Brasiliense, 9.^a edição, São Paulo, 1984.
- Louis Althusser. *Ideologia y Aparatos Ideológicos de Estado*. Tradução de Alberto J. Pia - Ediciones Nueva Visión - Buenos Aires, 1974.
- Luciano Gruppi. *O Conceito de Ideologia em Gramsci*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho - Edições Graal, 2.^a edição, 1978.
- Lucia Santaella. *O que é Semiótica*. Editora Brasiliense, 2.^a edição, São Paulo, 1984.
- Maria Laura P.B. Franco. "Contribuindo para a Compreensão do Conceito de Ideologia". *Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia da Educação*. PUC/São Paulo, setembro de 1983.
-
- _____. "Para entender os conceitos de Representação Social, Atividade e Consciência". Ex. mimeo, 1983.
- Maria Luisa V. Violante. *O Dilema do Docente Malandro*. Coleção Teoria e Prática Social - Cortez Editora / Autores Associados, 2.^a edição, São Paulo, 1983.
- Marilena De Souza Chauí. *O que é Ideologia*. Coleção Primeiros Passos - Editora Brasiliense S.A., 10.^a edição, São Paulo, 1982.
- Mikhail Bakhtin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira - Editora Hucitec, 2.^a edição, São Paulo, 1981.
- Sérgio Mascovici. "On Social Representations". In Joseph Forgas (ed.) *Social Cognition Academic Press*, New York, 1981 - mimeo.

Silva T. Maurer Lane. *O que é Psicologia Social*. Coleção
Primeiros Passos - Editora Brasiliense S.A., 3.^a edição,
São Paulo, 1982.

S.L. Rubinstein. *Principios de Psicologia General*. Versión
española de Sarolta Trawsky - Editorial Grijaldo S.A., México,
1982.

A N E X O S

ANEXO 1

TÓPICOS OU PONTOS-CHAVES A SEREM CONSIDERADOS

Representações do Estudante que Trabalha sobre :

- Ele mesmo
- Os outros : amigos, colegas
- As instituições : escola e família
- Atividades, valores, crenças
- O trabalho
- A sociedade
- Perspectivas para o futuro

ANEXO 2

FICHA INFORMATIVA DA ESCOLA

- 1 - Nome da Escola: _____
- 2 - Endereço: _____
- 3 - Data de criação: ____/____/____
- 4 - Data de início de funcionamento: ____/____/____
- 5 - Corpo Docente em 2º Grau - Colegial
- Número de professores com dedicação integral _____
 - Número de professores com dedicação parcial _____
 - Qualificação acadêmica dos professores _____
-
- Número de Professores que trabalham sô no período noturno _____
 - Número de Professores que trabalham em diferentes períodos _____
 - Número de Professores que trabalham em Educação e outras atividades _____
-
- 6 - Alunos: A que grupo social se situam os alunos de 2º Grau Colegial
-
- Condição econômica: _____
 - Número de alunos matriculados no 2º Grau Colegial _____
 - Número de alunos por aula _____
 - Porcentagem de alunos que assistem periodicamente _____
 - Porcentagem de alunos que terminam o Colegial _____

- Quais as principais causas da evasão escolar (se existir)

- Quais as expectativas futuras dos alunos ao terminar o Colegial

- 7 - Família: - Os pais dos alunos mantêm um contato freqüente com os Professores ? Sim () Não ()

- Quais os motivos principais que têm os pais para manter os filhos na Escola

- Em geral os pais se manifestam satisfeitos com a qualidade do ensino ? Sim () Não ()

Por quê ?

ANEXO 3

FICHA INFORMATIVA DOS ALUNOS

- 1 - Seu nome: _____
- 2 - Lugar de Nascimento: _____
- 3 - Lugar onde Reside: _____

- 4 - Lugar do Nascimento: _____
Do Pai: _____
Da Mãe: _____
- 5 - Há quanto tempo seus pais residem em Campinas ? _____
- 6 - Escolarização:
Do Pai: _____
Da Mãe: _____
- 7 - Trabalho:
Do Pai: _____
Da Mãe: _____
- 8 - Quantos irmãos tem:
Homens: _____
Mulheres: _____
- 9 - Quantos irmãos trabalham ? _____
- 10 - Por que você trabalha ? _____
- 11 - Quanto é seu salário mensal ? _____
- 12 - Por que trabalham seus irmãos ? _____

13 - Quantas horas você trabalha ? _____

14 - Quantas horas você estuda ? _____

15 - Você tem dificuldade de realizar as duas atividades ?

Sim () Não ()

Por quê ? _____

16 - Quantas pessoas moram na sua casa ? _____

17 - A casa onde você mora é :

Própria () Alugada () Outros ()

18 - Gosta do Bairro onde você mora ?

Sim () Não ()

Por quê ? _____

ANEXO 4

CLASSIFICAÇÃO DAS NARRATIVAS DOS ESTUDANTES
POR TÓPICOS AGLUTINADORES

1 - DESCRIÇÃO SOBRE SI MESMA

- se acha tímida, fechada, indecisa
 - muito variável no seu pensamento
 - a mais velha das irmãs
 - responsável na manutenção da casa
 - sofrida, só tem problema
 - nunca pensou na sua felicidade
 - revoltada pelos problemas da família
-
- bem orgulhoso, herança dos pais
 - ciente de suas decisões
 - gosta de apresentar-se como ele é : autêntico
 - não gosta da pobreza
 - é sensível perante a pobreza de outros
 - se acha um intelectual
 - barrado pela mãe e irmãos
-
- um rapaz normal mas também diferente
 - gosta de brincar
 - assume a suas responsabilidades
 - se acha com uma cabeça superior
 - sofrido e como tal compreensivo
 - gosta de sentir-se livre
 - sincero - não gosta de enganar ninguém
 - diferente de como foi na infância

- se descreve tímido e vergonhoso
 - inseguro, vaidoso, fechado
 - filho cínico, revoltado
 - responsável de seus atos
 - sozinho, sem amigos
 - produto dos pais
 - se identifica com a mãe, mas não a aceita
 - seu pensamento melhor que dos outros
 - nas vezes não gosta de seu corpo
 - se acha ligado ao horóscopo
-
- confusa, fechada, fugindo da verdade
 - a sua cabeça pouco formada
 - gostaria de ser diferente
 - por outro lado é educada, séria graças à mãe
 - sem infância : brinca agora
 - com coragem e vontade para ir até o fim
 - muito ligada a mãe
 - prefere a solidão
 - sem complexos
-
- pessoa que se arrisca na vida
 - com dificuldades no relacionamento social
 - pessoa não feliz
 - revoltada e atrapalhada

- muito amiga
- não racista
- estudiosa

- não gostava de brincar de bonecas
- seu relacionamento sempre foi com adultos, gosta deles
- entrou na escola conhecendo muitas coisas
- gosta de ter amigos
- se acha uma pessoa com defeitos mas não sabe quais são
- pessoa preocupada com seu futuro
- se acha uma pessoa romântica
- não se identifica nos gostos da juventude

- super nervosa, traumatizada, medrosa
- não controla seus sentimentos
- irritada, briguenta
- fechada
- ligada ao pai depois de morto
- revoltada
- se acha um tanto conservadora e com preconceitos
- ligada aos conselhos da mãe
- gosta dos pobres
- sem ambição pelo dinheiro

- com infância muito complicada
- agressiva
- sem saudade da mãe verdadeira
- tem madrasta
- do signo de touro
- não aceita ordens
- não gosta de fingimentos
- gosta de política

- uma pessoa que olha o futuro
- gosta dos amigos
- com problemas, como todos
- insegura, confusa
- toma decisões sem voltar atrás
- pessoa normal
- analisado pelos outros
- com algumas faculdade
- independente

- não gosta lembrar seu passado
- pessoa com muitos problemas
- com medo dos pais
- antes foi filha legal
- não feliz
- com medo de praga da mãe
- com a cabeça feita pela mãe

- pessoa tímida - fechada
 - dependente dos irmãos
 - teve medo da mãe e do sexo oposto
 - mentalidade diferente à mãe
 - gosta de trabalhar sozinha
 - gosta das confidências das amigas
 - muito ligada à mãe
 - em processo de mudança
-
- pessoa tímida, estigmatizada
 - sempre com sentimento de culpa
 - insegura, preconceituosa
 - injustiçada por Deus
 - fechada
 - acha que até agora não viveu a vida
 - não se aceita
-
- se descreve como uma pessoa tímida
 - calada, não consegue falar com ninguém
 - com estigma de cor
 - rechaçada pelos rapazes
 - não rancorosa
 - não gosta lembrar da sua infância
 - com vontade de ser diferente

2 - PROBLEMÁTICA FAMILIAR

- a família consta dos pais e cinco filhos
 - pais doentes, não trabalham; família pobre
 - os pais moram juntos, mas não têm vida de casais
 - o drama de enfrentar um outro relacionamento amoroso cria na mãe uma crise emocional que repercute em todos os filhos
 - parece encontrar na bebida uma forma de auto-destruir-se
 - casou-se muito nova; era bobona e o marido judiou muito dela
 - os filhos não ajudam a enfrentar o problema da mãe por preconceitos morais
 - o pai nunca foi um homem trabalhador, sempre dependeu do trabalho da mãe
 - as responsáveis pela manutenção da casa são duas filhas
 - a mãe nunca reconheceu a participação dos filhos, ao contrário ela só exige, sem dar valor
-
- tem problemas de entendimento com dois irmãos
 - os pais são brigam, com formação muito rígida
 - na sua casa não existe o diálogo
 - pai fechado, calado, não se comunica
 - a mãe, submissa, assumindo a sua condição de mulher : cozinha, lava, passa ...

- pai fechado, mineiro
 - criado rigidamente
 - pressionou muito a família
 - mãe teimosa; não assume responsabilidades
 - liberal demais, agressiva
 - na casa não existe diálogo
 - não têm possibilidades de comunicação
 - a orientação tem que vir dos pais
 - a falta de orientação na família é a causa para formar marginais
 - a sua condição de desempregado cria atritos na família
-
- os pais vieram do interior, conservando as formas de vida
 - o pai faleceu, homem humilde, quase analfabeto
 - honesto, trabalhador, compreensivo
 - a mãe nervosa, agressiva, fechada
 - tem problemas de desentendimento com ela
 - dominante, absorvente
 - começou a trabalhar muito nova e foi reprimida
 - se casou sem amar ao pai, por necessidade e exigências da idade - 31 anos
 - ele acha que puxou fisicamente a mãe e isso ele não gosta
 - ele escolheria outra mãe
-
- muitos problemas na família
 - incompreensão das irmãs - críticas
 - pressões para mudar e ser o que não gostaria
 - em casa não tem diálogo

- tem dificuldade de conversar com a mãe
 - não consegue desabafar totalmente
 - pai ignorante, bêbado, briga, agressivo
 - ele nunca teve sorte na vida
 - ela bebe para sentir o que o pai sente
 - a mãe, boa, nunca diz não; sofrida, envelhecida, resignada
 - contou que sua infância e adolescência foi como a da filha
 - Maria, caçula, por isso não lhe reconhecem o direito de falar
 - uma das irmãs a vê como mistura de macho e fêmea
-
- incompreensão na família
 - pais separados
 - não existe o diálogo
 - a mãe sofreu muito e se fechou
 - não tem uma lembrança boa do pai: fechado, agressivo
 - nela é permanente o desejo de ter um lar "feliz", uma família
-
- os pais bacanas
 - mentalidade conservadora
 - a educação que receberam os marcou muito
 - o pai quieto, não conversa
 - indiferente aos problemas dos filhos
 - trabalha na prefeitura
 - a mãe é comunicativa, dialoga
 - se preocupa com os problemas dos filhos

- família muito pobre

- família muito pobre, quase analfabeta
- foram criados na Roça
- o mundo deles é diferente ao seu
- o pai sempre trabalhou, mas nunca teve nada
- é fechado, não conversa, sempre foi pobre
- na mãe o sofrimento produz um efeito contrário
- incentiva os filhos a superar-se
- valoriza o estudo
- quer filhos diferentes dela
- com os irmãos parece ter um bom relacionamento
- os pais acham que o mundo era melhor no seu tempo

- mãe impositiva - não respeita seus sentimentos
- a sua família não é legal
- não existe diálogo - só briga
- os preconceitos dificultam o entendimento
- a mãe muito revoltada, nunca foi feliz
- não tem pai
- ele foi trabalhador, mas pouco carinhoso
- fechado, infiel no matrimônio
- com as irmãs não se entende
- a cabeça delas não acompanha os tempos
- a sua situação de desempregada dificulta mais as relações

- os pais se separaram quando ela era pequena
 - ela gostou sempre do pai, mas ficou com a mãe por direito
 - o pai se casou com outra mulher
 - a mãe morreu de câncer e ela teve que morar com o pai e a madrasta
 - a ligação com a madrasta foi difícil no começo; agora elas se gostam
 - o pai sempre foi calado, sem estudos, morou sempre na roça
 - a mãe foi revoltada, chantagista, com muitos problemas, enganou o pai
-
- os pais são separados, mas moram juntos
 - com o pai não tem diálogo
 - ele é problemático, agressivo, cobra dos filhos o trabalho
 - para ele, filho é para manter a casa
 - a mãe é nervosa, calada e resignada
 - compreensiva e amiga dos filhos. Se cansou de lutar com o marido
 - os dois moram juntos pela convivência do pai
 - não tem estudos
-
- não existe entendimento entre pais e filhos
 - pais dominantes, autoritários
 - com muitos preconceitos sociais
 - pais que fazem chantagem emocional com os filhos
 - pais sem muitos estudos
 - querem obrigar a filha a casar-se

- mãe revoltada, ciumenta, com atitudes machistas
- não tem diálogo, os filhos só têm que obedecer

- mãe muito bacana, mas mentalidade fechada
- agitada, impositora
- irmãos severos
- excesso de autoritarismo
- proteção exagerada
- não existe diálogo
- infidelidade matrimonial
- a relação familiar a estragou

- família muito rígida, severa, sem instrução
- o pai, fechado, agressivo, não conversa
- fora de casa é diferente
- não estimula os filhos
- a mãe um pouco mais aberta
- muito ligada à sua época
- não concorda com a maneira de pensar dos filhos
- sente-se culpada pela mancha no rosto da filha

- não tem mãe, ela morreu
- o pai casou com outra mulher
- mora com os tios. Eles deram tudo para ela
- o pai fez sofrer muito a sua mãe
- foi bravo, bêbado, ciumento
- ele não existe para ela

3 - O TRABALHO

- trabalha em escritório
 - gosta do trabalho e o relacionamento social é bom
 - tem problemas pelas exigências empresariais, mas não lhe incomoda muito
 - no trabalho encontra certa paz, porque momentaneamente esquece seus problemas
 - seu salário junto com o salário da irmã dá para o mais necessário : a comida
-
- gosta do trabalho
 - trabalha para ajudar a família e para seus gastos
 - sabe que é explorado
 - por medo a ser despedido, aguenta a exploração
 - a dificuldade de conseguir trabalho não lhe permite escolher o que seria melhor para ele
 - quer um emprego que lhe dê prestígio
-
- teve três trabalhos : empacotador, pintor, promotor
 - as suas experiências no trabalho foram boas
 - o trabalho permite a mudança das pessoas, elas tornam-se responsáveis e muito mais livres
 - o trabalho intelectual deve ser mais valorizado que o trabalho manual
 - no trabalho gosta de relacionar-se com a classe dirigente, se sente mais identificado com eles por ter uma cabeça me

- lhor que dos colegas operários
- com os operários assumiu um papel paternalístico de líder
 - está desempregado e quer qualquer trabalho
 - mais tarde pretende ter um bom emprego
-
- trabalha de doméstica
 - ela precisa ajudar a família
 - é incompreendida no trabalho
 - sente-se humilhada pela patroa que não a valoriza
 - cala, suporta porque precisa do emprego
 - não encontra outra coisa melhor
-
- no primeiro trabalho não foi muito aceito. Trabalhou de balconista; a sua timidez lhe dificultou
 - agora também trabalha como balconista numa ferinha de Sumaré
 - trabalha para ajudar a sua mãe e para se manter
 - acha que o salário é razoável
 - mais tarde começará a procurar
 - o trabalho lhe ajuda a mudar
-
- trabalha em escritório
 - trabalho explorado, injusto
 - detecta as desigualdades sem muita atitude crítica
 - a criticidade se manifesta mais no discurso ideológico
 - no escritório tem problemas, seu trabalho e esforço não

- é reconhecido pela chefe
- estavam aparecendo manifestações reivindicatórias, foram dissolvidas
 - pretendo procurar outro emprego

 - gosta de trabalhar e trabalha para ajudar a família
 - trabalha de doméstica, gostaria outra coisa melhor
 - a patroa é boa, mas explora seu trabalho
 - não se sente com vontade de solicitar aumento porque a filha da patroa vai casar
 - trabalha oito horas por dia

 - a dois anos trabalha como doméstica
 - trabalha porque tem necessidade de ganhar
 - o trabalho de doméstica é alienante; doméstica não é nada, ela se sente ignorada
 - a sociedade não valoriza o trabalho doméstico
 - fica lá porque não encontra outra coisa melhor

 - trabalhou em dois lugares, no comércio
 - neste momento está desempregada
 - no primeiro emprego descobriu as injustiças contra os pobres
 - no segundo emprego ela é ciente da exploração econômica, mas ele gostou
 - não é a riqueza a motivação do trabalho

- as crenças e preconceitos da mãe, obrigaram-na a deixar o trabalho

- o trabalho lhe permitiu uma mudança positiva
- a visão do mundo social se ampliou para ela
- trabalha numa companhia de cosméticos
- é secretária
- no relacionamento social, ela descobre as diferenças de classe
- se acha explorada e humilhada
- o salário muito pouco perante a responsabilidade
- gostaria de trabalhar numa outra coisa

- está desempregada
- trabalhou no comércio
- no trabalho cresceu como pessoa
- ganhava pouco, trabalhava muito
- acha justificável a exigência no trabalho

- trabalha no comércio
- seu trabalho é bom e ela gosta
- acha que seu salário é ótimo, porque dá para ajudar a família e se manter
- não pretende procurar um trabalho melhor

- trabalha no comércio
 - gosta do que faz
 - o trabalho ajudou para sua mudança
 - recebe um trato bom dos donos
 - exigem muito - dão pouco
 - trabalho cansativo, mais de 8 horas
 - não gosta de dar ordens
 - não pretende ficar lá
-
- a mancha do rosto lhe impede assumir um bom trabalho
 - trabalhou oito anos como doméstica
 - aceitou este trabalho porque nele não tinha contato humano
 - acomodou-se nesse trabalho humilhante
 - o relacionamento com a patroa foi bom
 - a família precisa de um salário melhor
 - está procurando outro trabalho
-
- trabalha de doméstica
 - cuida de uma menina e faz serviços
 - ela não sabe se ganha pouco ou muito

4 - O ESTUDO

- gosta de seu colégio
 - na diretora e professores encontrou compreensão
 - não tem condições emocionais que lhe permitam estar bem nos estudos
 - só quer terminar o 3º colegial
-
- estuda porque quer ser alguém na vida
 - quer subir com seu esforço pessoal
 - gostaria de estudar contabilidade
 - ter uma profissão como uma defesa contra a humilhação do trabalho manual
 - gosta de seu colégio
 - o ensino não é dos melhores
 - o cansaço do trabalho do dia, diminui o rendimento tanto do professor como do aluno
-
- na escola o ensino é fraco
 - pretende estudar muito e seguir uma faculdade - psicologia
 - estuda para subir e ser mais valorizado
 - a escola junto com a família é a responsável na orientação dos alunos
 - o estudo para ele é prioritário a qualquer outra atividade

- acha que o ensino poderia ser melhor
 - o cansaço do trabalho é a causa da baixa nos estudos
 - pretende seguir a faculdade - psicologia
 - gosta da participação do aluno no processo da aprendizagem, mas acha que o professor teria que dar mais conteúdos
 - o professor deveria fazer a cabeça do aluno
 - o entendimento entre aluno e professor apresenta dificuldades pelo vocabulário
 - o aluno não consegue entender a fala do professor
-
- considera os estudos importantes, para ter valor
 - aspira o curso superior - arqueologia
 - gosta de estudar - pesquisar
 - interesse em parapsicologia
 - reconhece diferenças na qualidade do ensino para ricos e pobres
 - é ciente da sua desvantagem para competir
 - os professores usam um vocabulário muito elevado
-
- gosta de estudar
 - o ensino da escola não é dos melhores, mas também não é o pior
 - seu relacionamento com os professores é bom
 - professores que dão muita liberdade aos alunos, pondo em risco a autoridade
 - o colégio é para aprender e estudar
 - deve existir a suficiente diferença entre o professor e o aluno

- gostaria de estudar depois de terminar o colegial, mas não tem possibilidades econômicas

- gosta muito de estudar
- a sua meta ajudar as pessoas
- estuda para melhorar sua vida e dos pais
- estuda micro-computador, isto lhe vai permitir um bom emprego
- pretende estudar inglês
- o ensino é fraco porque nem todos os alunos estão igualmente interessados
- a escola é para aprender e estudar
- o aluno não deve reclamar
- o estudo é importante na vida
- as vezes os professores usam vocabulário difícil

- o estudo é muito importante para ser alguém na vida
- o estudo permite competir com os outros, permite triunfar
- a intelectualidade valoriza a pessoa
- a faculdade é uma garantia para o emprego
- quem se sacrificou estudando, merece um bom emprego
- na atualidade o ensino está ruim, mas é possível solucionar este problema com o esforço pessoal
- ela não gostaria de parar de estudar

- estuda para subir na vida
 - aproveita os estudos apesar dos problemas
 - gosta do colégio e o relacionamento com os professores é bom
 - estuda para ficar no meio dos pobres
-
- gosta do ensino da sua escola; acha que é uma boa escola
 - ela aprende muito das colegas : o pobre tem muito a dar
 - pretende estudar faculdade : psicologia, além de computação, estudos que já está realizando
 - ela acha os estudos muito necessários para melhorar de vida
-
- estuda para ser alguém, para subir na vida
 - gostaria de ser médica
 - quer mostrar que o pobre é capaz
 - terá dificuldades
 - sabe que o ensino é fraco nas escolas dos pobres
 - quem estuda e luta triunfa
 - segundo ela a universidade não discrimina
-
- estuda para superar-se
 - aprende para quando for mãe
 - pretende terminar o 3º colegial
 - não vai fazer faculdade por falta de meios econômicos
 - quiz fazer magistério, não conseguiu vaga

- gosta de estudar
 - vontade de aprender
 - os professores lhe dão confiança e liberdade
-
- acha os estudos muito necessários para adquirir uma cultu
ra melhor
 - ela gostaria de estudar posteriormente
 - vai parar depois de terminar o 3º colegial
 - não tem condições econômicas
 - não acredita que a mulher não precise estudar
 - com os professores não tem muita confiança
-
- nos estudos vai mais ou menos
 - não é muito aceita pela cor
 - gostaria de ser professora de educação física
 - tem dúvidas se vai dar certo

5 - A VIDA AFETIVA

- tem namorado e está próxima a casar-se
 - parece não estar muito segura de seus sentimentos
 - acha que pode estar usando o matrimônio como uma evasão
 - acredita no compromisso matrimonial e na responsabilidade perante os filhos
 - acha-se moralista e preconceituosa no que respeita à fidelidade matrimonial
-
- o namoro não está presente na sua narrativa, a imagem que ele tem da mulher pode-se deduzir da descrição da sua mãe: submissa, resignada
-
- tem namorada e sua relação é muito boa
 - é novo e não pensa no matrimônio, mas o namoro é sério
 - é contra a libertação da mulher
 - a mulher tem que se colocar junto ao homem sem superá-lo
 - para que a mulher trabalhe deve existir uma "necessidade"
 - o homem é quem permite ou não a possibilidade da mulher trabalhar
-
- não tem namorada; a sua timidez lhe dificulta
 - ele já se acha um homem
 - pensa que deve testar-se indo num bar com amigos

- a mãe representa um obstáculo neste sentido
- tento namorar uma primeira vez, não deu certo; agora gosta de outra moça, mas tem medo de não ser aceito

- medo de se envolver com um homem e passar o que a mãe pas
sou
- considera a mulher frágil

- não tem namorado, se encontra muito nova
- os jovens de agora não lhe dão confiança
- a virgindade para ela é fundamental no relacionamento ho
mem - mulher
- a mulher precisa agradar ao homem
- na mulher não pode permitir-se o que é permitido e justifica
vel no homem

- o namoro muito nova atrapalha
- o namoro se opõe ao estudo
- quem quer estudar deve deixar o sentimento do amor
- o namoro deve começar quando se termina de estudar

- gosta de homem que lhe dê segurança
- se sente insegura com o namorado atual
- não aceita a intervenção da mãe nos seus sentimentos afe
tivos, mas ao mesmo tempo fica com a dúvida

- tem namorado e gosta dele
 - ela se sente bem com ele porque é respeitada
 - por enquanto ela não pensa em matrimônio
 - o namorado trabalha durante a noite num banco
 - ela acha que o homem deve aspirar sempre para mais e não se conformar com o que tem
 - nesse aspecto não gosta do namorado
 - para ela o homem não gosta de ser menos que a mulher
-
- o namoro não dura muito
 - não gosta de ficar preso a ninguém
 - não gosta de dividir com outro
-
- namora com um rapaz bom, não bagunceiro
 - gosta dele e acha que vai dar certo
 - ela gostaria de ter como esposo um homem trabalhador, sin cero e ser feliz com ele
 - seu namorado não tem muitos estudos, mas ela acha os estu dos necessários no homem
 - este fato cria uma dúvida nela : falam que o homem não gos ta de ser superado pela mulher
 - acha que a aceitação dos pais influem na felicidade do casal

- namorou duas vezes
 - num namoro sentiu-se usada
 - acha que nunca amou
 - não sentiu aquela coisa forte
 - tem significância que o rapaz goste da mãe
-
- é muito insegura no namoro
 - largou de dois namorados pelo medo à sua mancha
 - ao mesmo tempo tem medo que um homem largue dela por seu rosto
 - até há pouco tempo pensava não se casar nunca
 - namora com um rapaz que gosta dela e a aceita como ela é
 - acredita que a beleza física é necessária para o amor
 - os homens começam a gostar da mulher pelo rosto
-
- tem problemas para namorar
 - se acha rejeitada pelos rapazes
 - se acha com coragem de falar com os rapazes para manifes
tar-lhes que ela gosta deles.

6 - O MUNDO SOCIAL

- a realidade ou problemática social quase não aparece na narrativa de Aparecida
 - a problemática familiar encobre o social
 - ela não se revolta com a pobreza, acha que deve aceitar sua sorte
 - ela se revolta com os problemas dos pais
 - a vida de Aparecida é a preocupação da mãe
-
- a realidade do Brasil é uma problemática que tende a se agravar
 - a irresponsabilidade dos indivíduos seria a causa fundamental desta situação
 - a juventude inconsciente de seu papel social só quer brincadeira, divertimento, droga
 - a pobreza tem origem na família
 - a superação da pobreza está no esforço individual
 - todos nascem com capacidades : uns com habilidades intelectuais e outros com habilidades manuais
 - o pobre não tem vontade de trabalhar porque é bêbado, drogado
-
- a sociedade é individualista
 - a ambição pelo poder e o egoísmo corrompem
 - a revolta da juventude é um produto social
 - a união de adultos e jovens permitiria a solução dos pro

blemas sociais

- os mais sociais são encontrados na rua
 - as desigualdades sociais tem que existir e elas são justificadas pela divisão do trabalho
 - na sociedade existem homens e mulheres cada um com papéis determinados a cumprir e que não devem ser mudados
-
- a relação social sempre foi muito pobre
 - nunca teve amigos, brincava sozinho
 - ainda não tem uma "panelinha"
 - vive uma solidão triste
 - a sua relação com a sociedade se dá mais através do horōscopo : precisa de ter o horōscopo para ter mais segurança
 - o fato de ter nascido no signo de virgem, justifica a sua maneira de ser
-
- as amigas não são verdadeiramente amigas
 - não confia nas colegas, elas desconfiam dela
 - acha que os problemas cada um tem que resolver
 - a sociedade é racista, despreza os pretos
 - os brancos, os ricos se acham superiores sem motivo
 - todos os homens são iguais
 - o único superior é "ELE"
-
- a experiência de grupo é muito boa para ela
 - a mensagem ideolōgica veiculada através da religião que

- prática, determina a sua conduta na relação com os outros
- nas relações estabelecidas principalmente no trabalho, não descobre as manipulações ideológicas

 - a sociedade, o mundo deve ser mudado
 - a mudança deve ser propiciada principalmente pelos jovens, o futuro é deles
 - nos adultos é difícil a mudança, são cômodos
 - a problemática tem origem na família, incompreensões que conduzem à busca de tóxicos, imoralidade
 - a mudança não vai vir do governo, mas das lutas reivindicatórias
 - o analfabetismo é um fenómeno social provocado pelo mesmo governo; mantém a dominação
 - detecta as desigualdades na qualidade do ensino dos ricos e dos pobres
 - a escola não tem culpa de que o ensino seja fraco, mas o governo que não dá verbas
 - as diferenças pela cor não tem sentido; tem pretos mais valiosos que os ricos
 - o mundo seria melhor se os ricos repartissem a sua riqueza com os pobres

 - a juventude para ela não está interessada na problemática social
 - as companhias não legais influem negativamente nos poucos jovens bons
 - só uma cabeça muito bem "formada" poderá resistir às in-

fluências perigosas

- os jovens ficam desacreditados da vida quando não encontram trabalho
 - a vontade da pessoa é fundamental para triunfar na vida
 - a sociedade exclui a quem não tem estudos
 - no Brasil existe discriminação racial
-
- não se identifica com as colegas
 - não se abre com elas porque não são capazes de compreendê-la
 - vive um mundo fantástico : encosto, sonhos ...
 - é rejeitada pelos iguais (jovens) porque não entra na vida deles : não gosta de dançar, divertir-se
 - ela se sente identificada com setores sociais menos favorecidos : favelas, orfanatos
-
- no relacionamento social, os mais velhos devem dar exemplo para os mais novos
 - o caráter das pessoas está relacionado com seu signo astral
 - na sociedade existem duas classes sociais : os pobres e os ricos
 - o rico é explorador, superficial, fingido, tem tudo
 - o dinheiro faz a cabeça dele, junto com a formação que recebeu
 - o pobre é sensível à dor dos outros, é sincero, é sofrido
 - ele aceita com resignação a pobreza
 - ele gosta de política, mas não entende a política no

Brasil

- os políticos seriam tipo "os ricos" : incoerentes; a sua praxis não corresponde cm seu discurso
- no poder esquecem as promessas

- tem muitos amigos, se relaciona muito bem
- nas relações sociais, o pobre não tem nada que ocultar
- os que mais estudos têm, enfrentam melhor os problemas
- o pobre pode ter as mesmas oportunidades que os ricos
- as desigualdades de classe é preconceito : todos somos iguais
- o êxito social é de quem se esforça e luta

- o social aparece nela sō através de normas e preconceitos
- os filhos têm que amar em primeiro lugar os pais
- praga da mãe pega
- não dá certo quando um homem não tem estudos e a mulher têm

- tem muitas amigas
- na amizade o importante é escutar

- sociedade que discrimina
- sō tem confiança de aceitação na família e algumas amigas
- para ela Deus fez uma sociedade de pobres e ricos, os po-

- estudos, esforço pessoal, igualdade, liberdade, diálogo
- ignorância, preconceitos, dependência, agressividade

- liberdade, respeito, estudos, responsabilidade
- imposição, agressividade

- confiança, liberdade, diálogo, trabalho como fator de mudança
- autoridade, relações impositivas

- beleza, valorização social, trabalho intelectual, estudo
- estigma, trabalho doméstico, ignorância

- igualdade, amor
- racismo, solidão

- sinceridade, vivência familiar, autoridade, diferenças, diálogo, seriedade, virgindade
- as aparências, divórcio, excesso de liberdade, igualdade, incomunicação, brincadeira, a liberdade sexual

- interesse pelos outros, amizade, conhecimento, juventude, diálogo, solidariedade, igualdade
- indiferença, ignorância, conservadorismo, incompreensão, egoísmo, racismo

- a superação pessoal, a força de vontade, a formação da pessoa, trabalho intelectual, igualdade, a vida da cidade
- a influência da "amizade", ignorância, trabalho material, racismo, a vida da roça

- Deus, trabalho, diálogo, fidelidade, mentalidade aberta, pobreza, a opinião pessoal
- o poder humano, exploração, riqueza, imposição

- sinceridade, verdade, pobreza, superação, trabalho, autenticidade
- fingimento, mentira, riqueza, conformismo, exploração, superficialidade

7 - VALORES QUE AFIRMA E NEGA

- paz, pobreza, justiça, fidelidade, o bom exemplo, moral
- briga, indiferença, irresponsabilidade, fuga

- inteligência, diálogo, prestígio, responsabilidade, o esforço pessoal, orgulho, amizade, sinceridade
- ignorância, pobreza, evasão dos problemas, abuso dos grandes, ceder perante os demais, egoísmo, fingimento

- solidariedade, responsabilidade, desigualdade, arrevismo, a superação como esforço pessoal, machismo
- egoísmo, liberalismo, falta de união, não pisar em ninguém, a influência do servil, a liberação da mulher

- ter irmã, liberdade, amizade, o urbano, compreensão, transparência
- ser filho único, repressão, solidão, o rural, desentendimento, aparência

- confiança, diálogo, respeito, igualdade, solidão
- desconfiança, indiferença, imposição, racismo, amor

- bres imperfeitos, os ricos perfeitos
- é covarde para aceitar as imperfeições

 - a sociedade discrimina aos homens pela cor
 - a discriminação se dá inclusive a nível da mesma classe
 - a sociedade não valoriza os pretos : acha que não são inteligentes, não têm sentimentos, sō serve para doméstica
 - o branco é o contrário do preto
 - não aceitar os pretos é um preconceito; todos somos iguais